



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO**



**ACEPÇÃO DE RISCO DE ADOECIMENTO EM LER/DORT
POR CHARUTEIRAS**

Wéltima Teixeira Cunha

Dissertação de Mestrado

Salvador (Bahia), 2010.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

C972m Cunha, Wéltima Teixeira

**Acepção de risco de adoecimento em LER/DORT por
charuteiras. / Wéltima Teixeira Cunha. – Salvador, 2010.**

vii, 62 f.

Orientador: Maria do Carmo Freitas.

Dissertação (Mestre) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Medicina. Curso em Pós-Graduação Mestrado em Saúde,
Ambiente e Trabalho

1. Transtornos Traumáticos Cumulativos 2. Doenças
Profissionais . 2. Medicina Preventiva. 3. Brasil. I.
Universidade Federal da Bahia II. Título.

CDU: 616-057(043.3)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO**



**ACEPÇÃO DE RISCO DE ADOECIMENTO EM LER/DORT
POR CHARUTEIRAS**

Wéltima Teixeira Cunha

Professora-orientadora: Maria do Carmo Soares de Freitas

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Salvador (Bahia) 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Membros titulares:

Carlos Eduardo Freitas - Professor Doutor da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Lígia Amparo da Silva Santos – Professora Doutora da Universidade Federal da Bahia

Maria do Carmo Freitas – (Professora - Orientadora) Professora Doutora da Universidade Federal da Bahia.

A mão e a folha

A folha, eu viro e enrolo, desde menina
Sou charuteira, trabalhadeira
E como viro e enrolo a folha
Desenrolo a minha sina
No trabalho, dói a mão
A mesma mão, em casa, lida
Com criança e marido
E tarefa de fogão, pia, tanque e varal
Meu ofício não é mau
E comparo a vida que levo
Com a folha que eu viro
Mas se eu enrolo a folha
Não dá pra enrolar o patrão
Se não cumprir produção
Sou como folha virada
E, aí, a mão que dói
É a mesma que fica na mão

(Fernando César)

Dedico às charuteiras que me forneceram, tão humildemente, belas e verdadeiras narrativas.

AGRADECIMENTOS

A todas as charuteiras pela oportunidade que me foi dada de realizar este estudo, que pode contribuir para a melhoria das condições de saúde no trabalho.

ACEPÇÃO DE RISCO DE ADOECIMENTO EM LER/DORT POR CHARUTEIRAS

SUMÁRIO

Resumo	9
Abstract	10
Introdução	11
Objetivos	14
Abordagem teórico-metodológica	15
Característica da pesquisa	15
Local e período da investigação	16
Instrumentos de coleta de informações	17
Aspectos Éticos	17
Procedimentos para coleta de informações	18
Pesquisa de campo	18
Sujeitos	19
O município de São Gonçalo dos Campos	20
Trabalho artesanal versus trabalho manual	21
As LER/DORT	24
Perfil das trabalhadoras da fábrica de charutos	30
Descrição da fábrica de charutos	30
Os fatores de risco ambiental do galpão de produção	33
Fatores de risco das operações	33
Riscos mecânicos	33
Riscos ergonômicos	34
Descrição da atividade no posto de trabalho das charuteiras	37
Charuteira e dupla jornada	39
Análise das narrativas	42
Repercussão das LER/DORT na vida das charuteiras	51
Conclusão	52
Recomendações	53
Referências Bibliográficas	55
Anexos	62
Apêndice (artigo)	

Resumo

ACEPÇÃO DE RISCO DE ADOECIMENTO EM LER/DORT POR CHARUTEIRAS

Este estudo tem como propósito compreender a LER/DORT na acepção de risco das trabalhadoras que produzem charutos no município de São Gonçalo dos Campos, Bahia. Foram sujeitos deste estudo, trabalhadoras da fábrica, trabalhadoras com doenças osteomusculares, ex- trabalhadoras e charuteiras artesanais. Estas mulheres, envolvidas em processos laborais de natureza artesanal, empregam qualidade e cuidado na elaboração dos produtos, exercendo uma carga de trabalho manual em que sentem dor e que pode gerar lesões nos membros superiores. Nesse sentido, busca-se compreender os significados atribuídos por elas, sobre as LER. Esta pesquisa adotou como base científica a abordagem qualitativa, sendo o instrumento principal a análise narrativa das entrevistas em profundidade. Recorreu-se à observação participante e a um amplo roteiro de entrevistas, para aproximação da realidade do cotidiano dessas trabalhadoras e suas LER. Este estudo discute posições de autores da corrente de pensamento filosófico fenomenológico e tenta aprofundar as análises no campo semântico do problema apresentado.

Palavras-chave: 1.Doenças profissionais; 2.LER/DORT; 3. Risco; 4. Indústria do Tabaco.

Abstract**MEANING OF RISK OF MUSCULOSKELETAL DISORDERS BY FEMALE WORKERS IN CIGARS MANUFACTURE.**

This study aimed to understand the musculoskeletal disorders in the sense of risk of female workers in a cigar manufacture in the municipality of São Gonçalo dos Campos, State of Bahia, Brazil. The subjects of this study were workers, workers with musculoskeletal disorders, ex-workers, and artisans, all of them engaged in the production of handmade cigars. The work developed by these women increases the quality of their final product. This manual work process can cause pain and musculoskeletal disorders in the upper limbs. This study aimed to understand the meanings attributed to the musculoskeletal disorders by these women. The qualitative approach used focused on a in-depth narrative analysis of individual interviews. Participatory observations and a broad interview schedule were used in order to get a closer approach to the daily reality of these female workers and their musculoskeletal disorders.

Keywords: 1. Occupational diseases; 2. Cumulative Trauma Disorders, 3. Risk; 4. Tobacco Industry.

Introdução

Trata-se de um estudo sobre a acepção de risco que as artesãs e as trabalhadoras de uma fábrica de charutos (em atividade, afastadas pela Previdência Social e ex-trabalhadoras), situada em um município do Estado da Bahia, têm sobre os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT).

A Bahia é o 3^a produtor de fumo do Brasil, atendendo quase que exclusivamente o mercado externo abrangendo Argentina, Estados Unidos, Austrália, Europa e Oriente Médio. Já no mercado interno, os principais consumidores são Rio de Janeiro e São Paulo (NUNES, 2004).

A mão de obra utilizada na produção de charutos é exclusivamente de mulheres, que trabalham 8h/dia nas diversas etapas da fabricação do produto (NUNES, 2004). A fabrica em estudo, a *Menendez & Almerino*, fica na cidade de São Gonçalo dos Campos, produz 12 mil charutos diários e fechou o ano de 2007 com uma produção de 4 milhões de charutos, decorrentes do trabalho de 100 charuteiras. Esta fábrica é a maior em produção no Brasil. (DIÁRIO DO FUMO, 2008).

O processo utilizado para a fabricação de charutos é considerado estritamente artesanal, por exigência do próprio mercado (NARDI, 1998, 1985). De acordo com Valladares (1986), o indivíduo ao elaborar o produto, imprime um toque de qualidade humana capaz de agregar valores afetivos muito acima do toque mecânico da máquina que apenas massifica o produto. Nesse sentido, em todo tipo de trabalho há subjetividade humana.

Na fabrica de charutos, as trabalhadoras executam movimentos suaves e repetitivos que atingem os membros superiores como um todo e a sua coluna vertebral, todavia, a organização do trabalho com situações envolvendo a biomecânica e fatores ligados a psicodinâmica somam elementos que levam ao surgimento de LER/DORT. (MENDES, 2003; GUERIN, 2001; RANNEY, 2000; FERREIRA JUNIOR, 2000; BRASIL, 2000).

Constata-se que os estudos realizados nas últimas duas décadas sobre as LER/DORT, nas diversas categorias profissionais, remetem-nos ao uso total ou parcial de tecnologias e muito raro ao trabalho artesanal e àquelas atividades que utilizam ferramentas rudimentares. Entretanto, parece claro, que o esforço repetitivo que essa categoria de trabalhadoras está submetida para atingir as metas de produção, pode desencadear e/ou contribuir para a geração dessas lesões. Em estudos relacionados a outros tipos de produção que incluem etapas de trabalho artesanal realizado por mulheres, tais como corte com tesoura em tecido e couro em indústrias de tecelagem e pequenas confecções, já foram detectadas lesões associadas a traumas crônicos secundários e sobrecargas das atividades diárias de mão e punho (LUCIA et al, 2008). Outra constatação foi observada no estudo de Araújo & Moreira, (2006) realizado em 89 rendeiras de Maceió em que aproximadamente 90% declararam lombalgia e disfunção nos membros superiores, demonstrando um resultado preocupante, do ponto de vista da epidemiologia.

No ambulatório do Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (CESAT), pude ouvir as histórias de vida laboral de mulheres charuteiras que apresentavam sintomatologia das LER/DORT. No levantamento que fiz nos bancos de dados da BIREME, SciELO e LILACS não encontrei qualquer estudo em saúde ocupacional envolvendo esta categoria de trabalhadoras.

Além do grau de risco que uma determinada atividade laboral apresenta em relação ao desenvolvimento de LER/DORT, é importante também compreender ao significado de risco que têm os trabalhadores, pois isto pode determinar maior vulnerabilidade e/ou colaborar para ações preventivas. Portanto, faz necessário buscar através de autores os significados atribuídos à aceção de risco, do ponto de vista das ciências naturais e das ciências sociais. Nesse sentido, cabe dizer que o conceito ganha diferentes conotações em cada campo de estudo.

Segundo a epidemiologia, risco refere-se à probabilidade da ocorrência de uma doença em uma população em um período de tempo. A definição de risco

também envolve a identificação de fatores que são associados ao desenvolvimento das doenças ou agravos. (ALMEIDA & ROUQUAYROL, 1992).

De acordo com Porto (2000), o risco, de maneira genérica, é entendido como toda e qualquer possibilidade de que algum elemento ou circunstância existente no ambiente de trabalho e/ou no processo produtivo possa causar dano à saúde do trabalhador, através de acidentes, doenças, sofrimento ou poluição ambiental.

Pinheiro (2003) afirma que o conhecimento acerca do ambiente está diretamente relacionado com as experiências e visões do mundo vivido pelo indivíduo, o que se torna fundamental para conhecer o significado da aceção e dos valores.

O significado de risco é vista por Lima (2005), como a maneira que os não especialistas ou os considerados leigos pensam sobre o risco de adoecer e inclui um conjunto de crenças e valores que dão significados a cada situação de sofrimento. Se o risco não é entendido como tal, as decisões e comportamentos dos trabalhadores não serão compatíveis com a segurança que uma dada situação exige.

Para Navarro & Cardoso (2005) sejam os riscos de caráter ambiental ou ocupacional ou mesmo de qualquer outra natureza, os processos subjetivos devem ser considerados quando se busca compreender o enfrentamento ou não das situações de risco por determinadas pessoas.

Ainda, segundo estas autoras, o significado de risco depende de uma multiplicidade de fatores, como do contexto e da inserção da pessoa em um determinado evento, da função ocupada em determinado espaço social, dos aspectos culturais, da personalidade, da história de vida, das características pessoais e da pressão e/ou demandas do ambiente (NAVARRO & CARDOSO 2005).

Acredita-se que os indivíduos constroem seu espaço perceptivo por meio do contato direto e íntimo com o ambiente vivido no seu cotidiano.

Logo, os riscos no trabalho, também denominados de riscos ocupacionais, têm encontrado espaço nas discussões a respeito da saúde e segurança dos

trabalhadores, cujas abordagens trazem uma diversidade de enfoques teóricos, alguns especialmente tecnicistas e outros que recorrem a uma perspectiva que prioriza os aspectos sociais.

A importância desta pesquisa está em analisar as informações sobre a realidade destes problemas nosológicos que aparecem no processo de trabalho, especificamente na atividade de fabricação dos charutos, que causam ou podem concorrer para o surgimento das lesões por esforços repetitivos relacionados ao trabalho (LER/DORT).

Nesse sentido, esta pesquisa é desenvolvida com os recursos das ciências sociais para subsidiar a abordagem qualitativa, observacional, para, entender melhor as etapas do processo produtivo e compreender os significados atribuídos pelas trabalhadoras sobre sua atividade e as doenças localizadas, especificamente, nos seus membros superiores.

Pretende-se com as informações coletadas, os registros da observação participante e dos obtidos nos prontuários médicos, propor ações de educação, vigilância e de intervenção nesses setores considerados artesanais de trabalho; mostrando a morbidade dessa atividade, para as trabalhadoras e para a sociedade.

Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar/compreender os significados atribuídos pelas charuteiras às LER/DORT que atingem os membros superiores; e, como objetivos específicos, observar as etapas do processo de fabricação de charutos e descrever a relação entre as etapas do processo de fabricação de charutos e as afecções dos membros superiores.

Abordagem teórico-metodológica

- **Característica de pesquisa**

De acordo com as afirmações de Selltiz (1987) e Silva (1998) a pesquisa é um conjunto de atividades que busca a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário e artístico, através de questionamentos minuciosos ou exame crítico e exaustivo na procura de fatos e princípios. Ainda, segundo Durkheim (1994), o homem ao pensar socialmente potencializa e difunde saberes.

Este estudo apresenta o seguinte desenho metodológico:

Adota como base científica a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2000), no momento atual, este tipo de investigação ocupa uma reconhecida posição para estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos em diversos contextos. Especificamente, aborda a experiência do sujeito sobre uma problemática de saúde.

A abordagem qualitativa não está preocupada com a demonstração quantitativa do ponto de vista da estatística inferencial das variáveis pesquisadas, mas sim, com a qualidade da informação a partir do discurso de cada sujeito pesquisado. Cada relato é importante para o pesquisador e o envolvimento do pesquisador é fundamental em todas as etapas do estudo (MINAYO, 2000; GIL, 1994; GODOY, 1995)

Para o rigor científico, a pesquisa qualitativa deve estar subsidiada nas disciplinas das ciências sociais e deverá ser realizada dentro de uma composição analítica. A pesquisa qualitativa leva em consideração o indivíduo inserido em um determinado contexto, não impõe e nem controla a forma e a estrutura do resultado final. Compreende-se, pois, a experiência humana (TRIVIÑOS, 2001, 1997).

A pesquisa qualitativa apóia-se em correntes de pensamento, no campo teórico, social e filosófico, para uma compreensão mínima de uma dada questão atribuída pelo sujeito. Então a fala, o conteúdo do discurso social, é o instrumento fundamental para aprofundar um objeto estudado. Dentre as diversas correntes de pensamento, este estudo traz autores da fenomenologia (Minayo, 2001, 2000;

Freitas, 2003) e da análise de discurso (Bardin, 2008) para dar conta do aprofundamento desta pesquisa.

Ambas as linhas teórico-filosóficas apresentam a acepção, os significados, as aspirações, as crenças, as atitudes, os valores, aspectos estes não quantificáveis do sujeito sobre um fenômeno, traduzindo assim, a intersubjetividade, a acepção do sujeito sobre o modo de viver e de adoecer (CHIZZOTTI, 2000; FREITAS, 2002; MINAYO, 2000; COULON, 1995).

- **Local e período da investigação**

A pesquisa de campo foi realizada no mês de setembro e outubro, com entrevistas narrativas envolvendo trabalhadoras de uma fábrica de charutos situada no município de São Gonçalo dos Campos. Colaboraram com as entrevistas duas trabalhadoras afastadas pela Previdência Social, nove trabalhadoras em atividade, três ex-funcionárias e seis charuteiras artesanais, num total de 20 indivíduos. Um dos critérios adotados, foi o de estar na fábrica há mais de cinco anos.

Para Minayo, (2000) o número de entrevistas varia conforme o nível de saturação das informações e, nesse sentido, o total de vinte entrevistas foi suficiente para obter as informações pertinentes à pesquisa.

O critério para o tempo mínimo na atividade de trabalho se deve ao tempo de exposição ao risco (sobrecarga das estruturas anatômicas) e o surgimento da doença, devido a sobrecarga osteomusculares e pelo fato destas afecções terem múltiplos determinantes. (GUERIN, 2001; BRASIL, 2000)

- **Instrumentos de coleta de informações**

Para atender um dos itens da pesquisa qualitativa, a técnica utilizada para a coleta de informações foi: 1) a entrevista narrativa citada por Jovchelovitch & W. Bauer (2002); Roland Barthes (1991). Para esta atividade foi realizado um roteiro de questões que foram abordadas. Esse roteiro tem a finalidade segundo Minayo (2000) de orientar o pesquisador e não influenciar de forma negativa ou positiva as respostas do sujeito. 2) A observação das etapas do trabalho com possível contagem dos movimentos repetitivos.

O pesquisador/entrevistador interagiu e teve certo envolvimento com o sujeito/entrevistado condição importante para o aprofundamento de uma relação intersubjetiva fazendo com que elas se sentissem estimuladas a participar.

Também se utilizou de um roteiro de entrevista que foi aplicado com o representante da empresa. Neste conteúdo informações sobre a fábrica, a organização do trabalho e sobre as trabalhadoras.

Aspectos Éticos

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia para ser avaliado.

Após esta avaliação a pesquisa foi iniciada com os sujeitos que atenderam os critérios estabelecidos na metodologia para composição da amostra, em seguida foi lido, para cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexoIII). A elaboração desse documento teve como base a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Após o aceite das charuteiras em participar da pesquisa, elas assinaram o termo em duas vias, uma ficou com as trabalhadoras e a outra com a pesquisadora. Neste termo constou o telefone de contato do pesquisador e informações sobre a pesquisa de forma clara e de fácil compreensão. Para

algumas participantes o termo foi lido pela pesquisadora, porém o termo foi assinado por elas.

Procedimentos para a coleta das informações

- **Pesquisa de campo**

O estudo foi realizado em quatro momentos distintos, em uma fábrica situada no Município de São Gonçalo dos Campos no Estado da Bahia, com trabalhadoras que produzem charutos.

No contato inicial com um dos responsáveis pela empresa foi realizada uma entrevista de acordo com o roteiro de perguntas (anexo I). Obteve-se então, dados sobre a empresa e as atividades dos (as) trabalhadores (as), envolvendo a organização e as relações de trabalho, tamanho da área física da fábrica, número de trabalhadores, vínculo empregatício, jornada de trabalho, produtividade, prêmio assiduidade e de produção, quantidade produzida/dia/mês, descrição do processo produtivo, equipamento de proteção individual (EPI), assistência médicas dentre outros. Em seguida indicou as trabalhadoras que tinham mais de cinco anos de vínculo empregatício nesta atividade, ou seja, que estejam dentro dos critérios determinados para a seleção. Neste contexto, as trabalhadoras voluntariamente, deram início à colaboração com este estudo: as entrevistas.

Naquele momento, foi-lhes dito sobre o objetivo da pesquisa e cada trabalhadora leu o termo de consentimento e só depois, assinou-o para dar início a entrevista contida no roteiro de perguntas (anexo II). Em primeiro lugar coletou informações sóciodemográficas – idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, salário líquido. Em seguida elas narraram sobre a organização e o processo de trabalho – jornada, ritmo, uso de equipamentos, pausa, postura; atividade física e lazer; questões de saúde e qualidade de vida – gosta do que faz, tarefas domésticas, dificuldades para realizar as tarefas e se o trabalho pode prejudicar a saúde, dentre outras.

- **Sujeitos**

Os sujeitos, voluntários deste estudo, que trabalham na fábrica, foram entrevistados, sem contudo, abandonar completamente seu posto de trabalho. Com a permissão previa do responsável pela empresa, estabeleceram-se quantos sujeitos seriam entrevistados por turno para respeitar o intervalo (pausa) e o horário de saída. Os outros sujeitos foram entrevistados nas próprias residências e na feira livre.

As entrevistas foram realizadas com a utilização do gravador, diário de campo para anotar as observações, termos e sentenças mais significantes, bem como foram fotografadas posturas das trabalhadoras durante a atividade de fabricação dos charutos. Em um terceiro momento foi dedicado a observação das etapas do processo de produção dos charutos com as respectivas anotações, no diário de campo, sobre a maneira que as trabalhadoras fazem uso dos membros superiores destacando a parte do braço, a postura, o tempo, a repetitividade das atividades.

Vale ressaltar que as próprias charuteiras, participantes da entrevistas, escolheram seus nomes fictícios.

Em seguida realizou-se a transcrição, a análise e interpretação dos conteúdos das falas segundo orientação de (BARDIN, 2008).

Para esta autora, o objetivo da análise de conteúdo é trabalhar as falas e suas significações/conteúdos manifestadas por cada indivíduo, buscado outras realidades através das mensagens. Nesse sentido, a análise de conteúdo acontece de acordo com três fases, tais como: a pré-análise também denominada de leitura flutuante, significa o primeiro contato com o material a ser analisado. É a tomada de conhecimento do texto e a impressão que este causa ao pesquisador. No que se refere à exploração do material, esta fase consiste em codificar os dados brutos, transformando-os por enumeração ou agregação que permita uma descrição exata dos conteúdos ou falas.

Já na terceira fase o resultado bruto é submetido a tratamento para que se torne resultado significativo e válido, e daí buscar a inferência e a interpretação (BARDIN, 2008)

O município de São Gonçalo dos Campos

São Gonçalo dos Campos é um município do Estado da Bahia, situado na região Centro Norte Baiano, região Nordeste do Brasil, possui uma área de 293,989 km² e uma população estimada em 30.401 habitantes, segundo o IBGE (2008).

É banhado pelo Rio Jacuípe, tem uma vegetação e um ambiente extremamente bucólico. São casas antigas e geminadas, com calçadas estreitas conformando ruas longas, largas e arborizadas.

Suas principais fontes de renda são a pecuária e a plantação de fumo, agricultura em geral e a Avipal do Nordeste. Atualmente a renda esta voltada diretamente à avicultura tornando-se um novo polo regional com a Perdigão S/A e Gujão Alimentos.

Observa-se que houve expansão no setor de serviços com a absorção de mão de obra local, principalmente com a proliferação de lojas do tipo supermercado. Um fato curioso e que chama a atenção é São Gonçalo ser considerada a Cidade Jardim, e onde nos anos quarenta os enfermos de tuberculose de vários iam se cuidar, pelo clima campestre.

São considerados como principais pontos turísticos a Igreja construída a mais de 300 anos, a fonte denominada Fonte da Gameleira, a fábrica de charutos artesanal cubano Menendez e Amerino, os belos jardins, a festa do padroeiro que acontece no mês de janeiro.

Há mais ou menos um ano foi inaugurado um Shopping Center com produtos modernos, roupas elegantes, utilidades domésticas e praça de alimentação. Está sendo considerado um ponto de encontro da população com poder aquisitivo mais elevado, porém o município de Feira de Santana ainda continua sendo o palco das compras de grande parte da população desta região.

A feira livre acontece aos sábados. É tradicional. Encontra-se uma variedade de hortifrutigranjeiro, carnes, farinha e derivados da mandioca, roupas e utensílios domésticos. Está localizada na área central da cidade, e apresenta em sua arquitetura uma composição de vários boxes e outra área coberta, onde cada feirante expõe sua mercadoria em tabuleiros, mesas improvisadas, barraca de estrutura tubular de alumínio/ferro que ganha formato de mesa com as tábuas de madeira colocadas na horizontal e em lona estendida no chão. Outros expõem a mercadoria no entorno da feira, onde se localiza as calçadas que circundam toda a área. Esses lugares são fixos, o que pode ser chamado de território demarcado. Os feirantes passam por essa rotina de trabalho todos os sábados. Existem os ambulantes que ficam durante todo o dia circulando em todo o espaço na conquista de compradores dos seus objetos.

Tem feirantes de todas as idades e sexo. Alguns trabalham sozinhos em seus espaços, outros com a família, mas todos que ali trabalham manifestam alegria e prazer. Na realidade a feira é um local de encontros e reencontros como não poderia ser diferente, existem ainda personagens folclóricos no trajar, no gesto de fumar charutos e cachimbos.

Trabalho artesanal *versus* trabalho manual

Os primeiros artesãos e trabalhos artesanais surgiram no período neolítico (6.000 a.C), foi neste período que o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica como utensílios para serem usados para armazenar e cozer alimentos, e a técnica de tecelagem ao tecer fibras animais e vegetais (CARVALHO, 2008).

Os índios brasileiros foram considerados os mais antigos artesãos. Eles utilizavam a arte da pintura, usando pigmentos naturais, a cestaria e a cerâmica para fabricar seus utensílios.

O artesanato é tradicionalmente a produção de caráter familiar, em que o produtor, artesão, possui os meios de produção dentre elas oficina e ferramentas.

A principio trabalha com a família em sua própria casa, realizando todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento final;

não havendo divisão do trabalho ou especialização para a confecção de algum produto. Em algumas situações o artesão tinha junto a si um ajudante ou aprendiz (PENA & FREITAS, 2008).

Entretanto, foi a partir do século XI, que o artesão concentrou suas atividades e produtos em espaços chamados de oficinas, ali um pequeno grupo de aprendizes conviviam com o mestre-artesão, detentor de todo o conhecimento técnico que ensinava em troca de mão-de-obra barata e fiel, recebendo ainda vestimentas, comida e conhecimento.

Cabe salientar que cada peça artesanal é única, mesmo que se tenha tentado copiar outra ou que seja feito pela mesma pessoa.

Afirma Carvalho (2008), que durante os primeiros anos de colonização do Brasil, diversas oficinas artesanais surgiram em áreas urbanas e rurais, o que tornou o artesanato brasileiro um dos mais ricos do mundo, além de garantir a subsistência de muitas famílias e comunidades. Ele faz parte do folclore e resgata usos, costumes, tradições e características de cada região.

Foi a partir do século XVIII que os artesãos foram formando suas associações profissionais e assumiram a forma de corporações. O aprendizado profissional iniciava-se aos 10 ou 12 anos de idade e o candidato, em sua formação, submetia-se a regras muito rígidas. A ascensão no trabalho tinha início como aprendiz, que passava a oficial para posteriormente passaria a mestre, quando se tornava o patrão onipotente, juiz absoluto e guardião da ética e da qualidade profissional da corporação.

Ainda segundo a autora, com a Revolução Industrial, no século XIX, o artesanato começou a ser desvalorizado em virtude da mecanização da indústria. Todavia, com o aperfeiçoamento dos métodos mecânicos de fabricação, o artesanato cedeu espaço aos produtos fabricados em série; o artesão, à maneira clássica, entrou em decadência.

Entretanto, teóricos do século XIX, como Karl Marx e John Ruskin, e artistas criticavam a desvalorização do artesanato em prol da mecanização. Esses intelectuais consideravam que o artesão tinha uma maior liberdade, por possuir os

meios de produção e pelo alto grau de satisfação e identificação com o produto. (CARVALHO, 2008)

De acordo com Carvalho (2008), na segunda metade do século XIX, o intelectual, William Morris funda o grupo de Artes e Ofícios, na tentativa de valorizar o trabalho artesanal e se opondo, também, à mecanização e suas contradições, já que o artesanato, antes da Revolução Industrial, era a tarefa mais importante, por ser o único tipo de produção existente.

Foi ainda no século XIX que o termo artesão foi usado para denominar aqueles trabalhadores que não recebiam salário, porque produziam seus objetos com os próprios meios de produção aliados aos conhecimentos necessários para imprimir em todas as etapas da elaboração.

A divisão técnica do trabalho do artesão acontecia raramente e esta era rudimentar sem, contudo, dar lugar às tarefas fragmentadas, exercidas por operadores de máquina como ocorreu na Revolução Industrial.

Entende-se, historicamente, que o artesão é responsável por todo o processo de transformação da matéria-prima em produto acabado. Todavia, antes da fase de transformação, cabe a eles selecionar a matéria-prima a ser utilizada e elaborar o projeto do produto a ser executado.

Nesse sentido, o artesão é o dono do seu próprio trabalho e, como não está subordinado a patrão, não tem vínculo empregatício. É considerado pela Previdência Social como um trabalhador autônomo, caso contribua, do contrário é um trabalhador informal.

Dessa forma, esta profissão não é regulamentada e conseqüentemente, sem normas específicas para a proteção à saúde e a segurança no trabalho. Sendo assim, ficam a margem dos direitos trabalhistas e previdenciários, do ponto de vista da saúde ocupacional.

Vale ressaltar que Bernadino Ramazzini, em 1700 ao relacionar 54 profissões e doenças correspondentes a cada uma delas, em seu livro *De Morbis Artificum Diatriba* ou “Doenças dos Trabalhadores” cita, dentre as quais, a siderose, doença causada nos trabalhadores que lidam com o fumo.

É importante destacar, que segundo Pena & Freitas, (2008) o trabalho das marisqueiras é considerado artesanal, pois estas possuem os instrumentos de trabalho considerados rudimentar, executam a atividade em áreas limitadas e sobrevivem da venda desse produto.

Observaram ainda que, elas reservam apenas os domingos à tarde e alguns feriados religiosos para o descanso, pois a perda na produção significa diminuição na renda mensal e conseqüentemente, interfere no sustento da família.

Outro fato importante constatado pelos autores é que na contagem dos mariscos essas mulheres desenvolvem aproximadamente 10.200 movimentos repetitivos por hora, desencadeando dores nos membros superiores, sintomas típicos da LER.

Nesse sentido, a produção de uma fábrica está vinculada a determinada meta dia. No entanto, pode-se afirmar que os charutos são fabricados manualmente, porém não podem ser considerados artesanais, porque as trabalhadoras não são possuidoras dos meios de produção, tampouco, da matéria prima (CARVALHO, 2008).

As LER/DORT

O homem primitivo, usando da força do trabalho braçal, intuitivamente, sentiu necessidade de tomar medidas de segurança e passou a usar animais para diminuir o esforço e evitar desgaste prematuro em seu organismo e acidentes fatais.

Bernadino Ramazzini, médico italiano, em 1700 tornou-se conhecido como o “Pai da Medicina do Trabalho” com sua obra “*De Morbis Artificum Diatriba*,” em que relata várias enfermidades ocupacionais relacionadas com cinquenta diferentes profissões, medidas de prevenção dos riscos inerentes às profissões e métodos e conceitos de segurança do trabalho (RAMAZZINI, 2000).

Ainda, de acordo com Cunha (2000) e Ribeiro (1999), Bernadino Ramazzini também referiu que o trabalho leve, em ofícios e até mesmo em profissões sedentárias, causavam lesões osteo-musculares. Destacou esta patologia no

estudo das doenças dos mineiros observando a brutalidade com que tratavam a máquina humana. Descreveu o sofrimento dos artesãos escriturários, apontando a leveza e a repetitividade do esforço, a sobrecarga estática das estruturas dos membros superiores e a aparente tensão exigida pela atenção em realizar tal ofício.

Observou, ainda, que instrumentos de trabalho mal construídos e, a movimentação anormal das mãos ou movimentos violentos e irregulares, assim como posturas inadequadas ao executar o trabalho, constituíam numa incidência de sintomas, o que o levou a descrever os efeitos do uso constante das mãos em escribas e notários. Este agravo iniciava com uma lassidão em toda a extensão do braço direito progredindo para uma completa paralisia deste membro, o que causa danos ao organismo. Esse quadro tem semelhança aos escriturários da atualidade.

No que diz respeito aos carpinteiros, embaladores de fumo e de chá, e agricultores, em 1818 Velpeau observou uma inflamação na bainha tendínea causada por movimentos repetitivos, então a denominou de tenossinovite traumática.

Já em 1891, Fritz De Quervain observou esta patologia nas costureiras. Nas Olimpíadas da Grécia, também foi observado devido aos movimentos bruscos e repetitivos, tensão e posturas inadequadas, por essa razão ocasionava muitas dores musculares. Também os escrivães, devido a um ritmo repetitivo nas suas escritas, tinham dores fortes nos braços, formigamentos, dificuldades de movimentos e com isso perdiam a força nas mãos. Descreveu também uma doença denominada entorse nas lavadeiras, por apresentar lesão dos tendões adutor longo e extensor curto do polegar em mulheres que lavavam roupas. Hoje essa doença é denominada de De Quervain, de acordo com os estudos (ROCHA & FERREIRA JUNIOR, 2000).

Com a Revolução Industrial, que aconteceu na Inglaterra no século XVIII, a introdução de máquinas em substituição ao trabalho manufaturado e artesanal; a abundância de mão-de-obra composta por homens, crianças e mulheres despreparadas para a nova atividade, e as instalações das fábricas em galpões,

estábulo e velhos armazéns, surgiram, em 1775, as epidemias (MIRANDA, 1998).

É destacado por Michel (2000) que durante a Revolução Industrial foi evidenciados quadros clínicos de enfermidades dos membros superiores decorrentes de sobrecarga de trabalho estática e dinâmica

Já na segunda metade do século XVIII, com a inovação tecnológica nas indústrias, as doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho, tornaram-se visíveis através de dados estatísticos passando a ser relevante do ponto de vista social.

Foi no final da década de 50, no Japão, que esses casos de distúrbios foram observados em perfuradores de cartões, operadores de caixas registradoras, datilógrafos e outros. Pois, foi no Japão que a automação o conduziu a racionalização do trabalho, o que o levou a se dar conta da gravidade da situação de saúde dos trabalhadores, em decorrência da intensa sobrecarga de trabalho e a velocidade em que era desenvolvida a atividade por máquinas operadas manualmente, jornadas longas de trabalho contínuo, aumento de tarefas por trabalhador que exigiam movimentos exagerados das estruturas dos membros superiores, esvaziamento do conteúdo do trabalho pela sua fragmentação, rigidez da chefia no controle da produtividade e redução do tempo de repouso e do tempo de lazer.

A partir dos anos 60 o quadro clínico das LER/DORT vem sofrendo mudanças, devido às transformações ocorridas no processo produtivo, com a implantação da organização científica do trabalho e posteriormente com a automação dos processos de produção levando a um aumento do ritmo de trabalho e a adaptação do homem ao ritmo da máquina fazendo com que o trabalhador permanecesse em posto fixo de trabalho, executando, de forma simultânea, uma série de movimentos, sem, contudo, avaliar as conseqüências sobre o seu corpo e suas estruturas osteomusculares. E, por outro lado, a automação levou também a diminuição das tarefas que requeriam dos trabalhadores, grande esforços físicos e a diminuição à exposição de agentes físicos e químicos nocivos à saúde (ASSUNÇÃO, 1995).

Através do capitalismo observamos a evolução histórica do trabalho, que nos mostra os interesses dos empregadores para obter a máxima produtividade às custas da exploração do trabalho humano com o surgimento do processo de terceirização, redução de mão de obra e mudanças na organização do trabalho, o que reflete nas perdas das conquistas sociais, com as reformas através das leis e da justiça .

As doenças do trabalho têm sido o foco das atenções de muitas empresas, e um grande desafio para os profissionais de saúde. Dentre essas doenças destacam-se as LER/DORT, a prevalência deste distúrbio vem aumentando nos últimos vinte anos, representando assim, a principal afecção à saúde entre as doenças ocupacionais, que acometem trabalhadores cada vez mais jovens (MELO, 2003)

As doenças ocupacionais são doenças que se originam do exercício da profissão por uma ação lenta e contínua comprovada pelos multifatores que resulta nexos etiológicos (RANNEY, 2000; BRASIL, 2000).

De acordo com Ferreira Junior (2000) as lesões osteomusculares relacionadas ao trabalho, isto é, de origem ocupacional, causadas pelo uso inadequado, excessivo e contínuo de determinada articulação: músculo e tendão, por rápidos movimentos repetitivos e de força. Comumente atinge os membros superiores, embora possa afetar todo corpo do ser humano.

Para a realização do nexo-causal é necessário ter como base de sustentação uma equipe multiprofissional e um diagnóstico clínico, psicológico e organizacional do trabalho. Porque essa compreensão está associada às condições do ambiente de trabalho, ao posto de trabalho, a organização e relação de trabalho e a fatores psicossociais envolvidos, segundo sugerem (ASSUNÇÃO & ALMEIDA, 2003)

Para Maciel (1995) a intervenção ergonômica busca analisar e entender a organização do trabalho, na perspectiva de encontrar proposições para a melhoria das condições de trabalho e, conseqüentemente, o conforto e bem-estar do trabalhador. Nesse sentido a NR-17 estabelece parâmetros que permitam adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos

trabalhadores, visando proporcionar um máximo de conforto e segurança (Brasil, 2000).

Ranney (2000) e Couto (1991) consideram que a LER/DORT faz parte de um conjunto de patologias, de caráter inflamatório que afetam os músculos, tendões e nervos, localizados principalmente nos dedos, punho, braços, ombros e região cervical; causadas por movimentos repetitivos, posturas estáticas, posturas inadequadas, jornada de trabalho prolongada e ritmo acelerado de trabalho. Essas patologias provocam dores (que passam a ser contínuas e vão aumentando conforme o seu grau), sensação de peso e fadiga, enrijecimento muscular, choque, câimbra, falta de firmeza nas mãos, sensação de fraqueza muscular, sensação de frio ou calor, limitação dos movimentos, edema e parestesia. Segundo estes autores, são sintomas que podem levar os trabalhadores à incapacidade física (mutilação) dos membros superiores (ombros, braços, antebraços, punhos, mãos e dedos), assim como dos membros inferiores (joelho e tornozelo), alterando assim a rotina diária do trabalhador e interferindo na sua qualidade de vida.

O surgimento de novas tecnologias na segunda metade do século XX obrigou o trabalhador a operar mais de uma máquina, intensificando o processo de trabalho com vistas à produtividade.

Estudos realizados por Carneiro (1998) apontam que o crescimento das doenças osteomusculares no Brasil se deva a modificação no processo produtivo decorrente da modernização, fatores biomecânicos como mobiliário inadequado, posturas incorretas ou viciosas, força muscular, repetitividade, e fatores ligados à organização do trabalho tais como: ritmo acelerado, a falta de autonomia, o tempo a cumprir, a fragmentação das tarefas, a cobrança de produtividade, a relação com a chefia, a falta de conteúdo das tarefas; rotatividade de mão de obra, relações autoritárias, intensificação do ritmo de trabalho, terceirização das tarefas de risco, trabalhador desqualificado para o desempenho da atividade; falta de informações sobre as doenças.

Ainda no Brasil apesar da sub notificação das doenças relacionadas ao trabalho, as LER/DORT vem crescendo anualmente nas estatísticas oficiais e nos

centro de referência em saúde do trabalhador, o que constitui a maior causa de afastamento dos trabalhadores, dos diversos ramos de atividade, por doença ocupacional, além de aumentar o número de desempregados.

Nos processos de trabalho, em que ocorrem as LER, têm como características serem parcializados, rotinizados, fixarem o trabalhador em seu posto de trabalho durante toda a jornada e com ritmo acelerado.

O pensamento sustentado por Déjours (1993), a fragmentação do processo produtivo resulta na fragmentação do trabalhador com uso parcial do intelecto ou de seu corpo quando utiliza apenas as mãos. Ou a fragmentação do trabalhador enquanto categoria coletiva, individualizando, separando os que planejam o trabalho, os que detêm as informações, os que executam o trabalho e aqueles que controlam os que executam.

Tendo como base estas afirmações, é possível relacionar certas atividades profissionais que exige do trabalhador posturas, esforços físicos que possam levá-los ao adoecimento, e uma delas pode ser a prática de fazer charutos.

Toda atividade laborativa possui fatores ligados à natureza intrínseca do trabalho, tais como esforço físico, monotonia ou variação de trabalho destituído de significado, possibilidade de criação e autorrealização, status na empresa ou na sociedade e nível de remuneração (BOM SUCESSO, 1997).

Segundo Laurell & Noriega (1989), os impactos dos elementos existentes no ambiente e processo de trabalho, a exemplo de sua organização e divisão, devem ser estudados sob o ponto de vista da saúde do trabalhador, com o objetivo de entender melhor como esses elementos são capazes de consumir a força de trabalho ou desgastar a capacidade vital do trabalhador. Esses elementos, articulados, formam um conjunto de cargas de trabalho às quais o trabalhador está exposto diariamente. Daí, para cada ramo produtivo e para cada processo de trabalho ser possível identificar cargas de trabalho e, conseqüentemente, o desgaste operário.

Considera-se carga de trabalho as exigências ou demandas psicobiológicas do processo produtivo que, ao longo do tempo, se manifestam na saúde do trabalhador. Para Facchini (1986), carga é um atributo de um determinado

processo que, estando presente no ambiente de trabalho, expõe um grupo de trabalhadores à probabilidade de experimentar uma deterioração física e psicológica.

Perfil das Trabalhadoras da Fábrica de Charutos

A idade das entrevistadas trabalhadora artesanal, trabalhadora da fábrica (em atividade, trabalhadora afastada pela Previdência Social e ex-trabalhadoras) varia entre 32 a 46 anos de idade, grande parte é casada e tem filhos. No que se refere à escolaridade, predomina curso fundamental incompleto. Quase todas aprenderam esse ofício na própria fábrica. Todas trabalham na fábrica há mais de 8 anos e menos de 21. Produzem cerca de 400 charutos por dia, com carga horária diária de 9 horas. Recebem por mês um salário mínimo, o equivalente a 32 charutos. Quando questionadas se há relação entre trabalho e saúde, todas afirmaram que a atividade de charuteira pode causar doenças osteomusculares como dor nas mãos, braços e região lombar, além de sentirem-se cansadas. Todas afirmaram que o risco de adquirir doenças músculo esqueléticas estava na quantidade de charutos produzidos e no uso da máquina de enchimento e do *macaco* para prensar os charutos. Todas queixaram das cadeiras inadequadas e grande parte referiu-se ao desconforto térmico do ambiente, devido à temperatura elevada. Usam pequenas toalhas para enxugar o rosto sujo de suor, que pinga sobre as folhas de fumo. As entrevistadas, afirmaram que sentem dores nos membros superiores, porém somente algumas têm diagnóstico médico de doenças osteomusculares. A empresa não oferece plano de saúde, dessa forma são amparadas, exclusivamente, pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Elas apresentam os sintomas e ou diagnóstico de LER/DORT em plena idade produtiva.

Perfil das Trabalhadoras Artesanais de Charutos

Iniciaram como artesãs aos 8 anos de idade. Passaram toda a vida produzindo charutos em casa. Delicadamente, cada folha é aberta nas coxas ou sobre a mesa, como quem abre um tecido de algodão. Foram entrevistadas

mulheres com idade entre 55 a 83 anos, casadas e viúvas. Herdaram esse ofício dos conhecimentos familiares. Quanto ao nível de escolaridade todas são alfabetizadas, porém não concluíram o curso fundamental nas séries iniciais. Em relação à saúde e a prática de fazer charutos, elas queixaram de dor na região da coluna lombar e de cansaço. Poucas falaram em dor ou outro sintomas nos braços ou mão apesar de fazerem mais charutos por dia que as trabalhadoras da fábrica. Informaram fazer mais de 500 charutos, numa jornada de mais de 10 horas por dia. Uma relatou que há 10 anos veio sentir dores na mão em consequência da utilização da faca para cortar a ponta do charuto. Trabalham na própria residência, sentadas em um banco de madeira quase rente ao chão e, as vezes, no próprio chão, utilizando uma placa de madeira apoiada em latas ou pedras, para servir de mesa. As folhas de fumo ficam em sacos de papel e de ráfia ou cestos. Durante a produção dos charutos, elas se vestem com roupas mais velhas, porque as folhas do fumo soltam uma coloração escura, produzindo mancha de difícil lavagem. Elas ganham menos que as trabalhadoras da fábrica, em compensação, adoecem pouco. Essas mulheres são donas e administradoras do seu próprio tempo de trabalho e repouso.

Descrição da Fábrica de Charutos

A fábrica de charutos Menendez & Amerino foi fundada na região do Recôncavo baiano, em 1977, no município de São Gonçalo dos Campos. Atua há 33 anos no mercado de produção de charutos para o comércio interno e externo.

A escolha da região para a instalação desta fábrica baseou-se na qualidade do solo do plantio, condições climáticas e com isto, a alta qualidade do fumo - com sabor e odor dos mais refinados. Esse conjunto de características atendia às exigências do padrão europeu.

No início de sua fundação, a empresa tinha uma área reservada para o plantio de fumo, cujas sementes foram trazidas de Cuba, já que um dos sócios é oriundo desse país, sendo o outro de origem portuguesa. Ainda hoje, o fumo para a produção dos charutos é adquirido de fornecedores exclusivos, que atendem aos critérios contratuais estabelecidos, sendo um deles a não utilização

de agrotóxicos. Como contrapartida, a empresa garante o fornecimento de insumos, tecnologia e assistência técnica para todas as etapas do plantio e colheita. Quando necessário, a empresa compra fumo de boa qualidade na região sul do País.

A Menendez & Amerino exporta charutos — das marcas Dona Flor, Aquárius e Alonso Menendez — para a Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Portugal e Argentina, com a demanda brasileira se restringindo à região Sul.

A empresa iniciou suas atividades com um quadro de 150 trabalhadores, 80% deles mulheres. Devido à queda na exportação, entre 2006 e 2009, este número foi reduzido para 100, distribuídos entre os setores de administração, produção de charutos, produção de cigarrilhas, serraria e confecção das caixas e portaria.

No tocante à produção de charutos, o número de mulheres foi reduzido para cerca de 50, sendo demitidas aquelas que, segundo o critério da empresa, não eram consideradas “as melhores charuteiras”, “as que não atingiam a meta de 400 charutos por dia”.

A área física do galpão, onde são produzidos os charutos, é de 4000 m². Contíguas a esta, existem 04 dependências destinadas a: 1) secagem do fumo em maço; 2) aquecimento dos charutos, para o cumprimento da primeira etapa de eliminação dos micro-organismos; 3) refrigeração dos charutos, para a realização da segunda etapa desse processo; 4) acondicionamento dos charutos em embalagens definitivas, sob refrigeração.

O teto possui telha de amianto (material proibido no Brasil e banido em outros países), e o calor é intenso. O galpão dispõe de janelas do tipo basculante e de ventiladores de teto; porém, as trabalhadoras se queixam de desconforto térmico e levam toalhas pequenas para enxugar o suor que escorre do seu rosto. O piso é feito de cerâmica grosseira, que lembra tijolo bruto, de coloração branco-acinzentada e com rajadas de queimado. As paredes são rebocadas e pintadas na cor branca. Localizados dentro da fábrica, mas fora do galpão, ficam os sanitários masculino e feminino, com paredes azulejadas, chuveiros, lavatórios, vasos e

mictórios, os quais podem ser usados com toda a liberdade por trabalhadoras e trabalhadores.

Quanto ao mobiliário, as cadeiras são de madeira, sem as mínimas condições de conforto: sem braços, com encosto e assento sem estofamento, rígidos e sem alavanca de regulação da altura— objeto de queixa das trabalhadoras, que levam almofadas para aliviar o contato destas com o seu corpo. Vale salientar que as cadeiras são do tipo residencial.

Há mesas de tamanhos variados. Para a fabricação dos charutos, são de madeira, sob a forma de um grande balcão, com uma divisória na posição horizontal e outras em posição vertical, formando baias em que são dispostas aproximadamente 30 trabalhadoras. Estas mesas, em particular, têm superfície sem flexibilidade, impossibilitando mudança na posição dos objetos, equipamentos, acessórios e espaço de trabalho, em desacordo com o conforto mínimo exigido para a atividade de cada trabalhadora. Pode-se afirmar, portanto, que o posto de trabalho é rígido, por não permitir alteração do lugar Pré-determinado dos equipamentos instalados.

Nesse espaço, encontram-se outras mesas menores, com capacidade para 10 trabalhadoras. Existe também uma mesa no controle de qualidade, diante da qual a trabalhadora permanece sentada, desconfortavelmente, em um banco de madeira de aproximadamente um metro de altura, o que faz seu joelho sofrer pequenos traumatismos ao se chocar com a borda de 18 centímetros que circunda a mesa e que se projeta para baixo.

Não há bebedouro no galpão; as trabalhadoras trazem a água de casa em garrafas de refrigerante, ou podem se servir no filtro de barro que se encontra na cozinha.

No que se refere à alimentação, observou-se que algumas trabalhadoras trazem almoço e outras preferem fazer as refeições em casa, já que moram perto da fábrica.

Há uma pausa de 10 minutos, que acontece às 09:30 horas, em que é oferecido, como reforço alimentar, café, leite e pão com manteiga, para a jornada

de trabalho diária de 9 horas. Uma trabalhadora pretende sugerir opções de alimentos para serem servidos durante o verão, dentre eles, sucos e frutas.

A jornada de 9 horas diárias — das 07:00 horas às 11:30 horas e das 13:00 horas às 17:20 horas — resultou de um acordo coletivo, visando à liberação dos sábados para o descanso das trabalhadoras.

Com relação ao uniforme, cabe registrar que a empresa fornecia calça comprida e blusa sem mangas, confeccionadas de tecido de malha, nas cores cinza e azul-turquesa; porém, as trabalhadoras tinham a liberdade de usá-lo ou não. Atualmente, o uniforme não é mais fornecido, mas cerca de 80% das trabalhadoras ainda usam a blusa do uniforme. Elas trabalham de sapato fechado ou sandálias havaianas e de couro, com salto médio ou rasteira sem traseira, do tipo chinelo. Dizem se sentir à vontade.

Os fatores de risco ambiental no galpão de produção.

Quanto ao fator de risco químico, destaca-se nesse ambiente um forte odor característico de fumo; no entanto, não houve queixa de qualquer das trabalhadoras da fábrica. Observou-se apenas que três delas usavam máscara cirúrgica, alegando estarem gripadas. Entretanto, as charuteiras artesanais se queixaram de alergia do tipo rinite e frequente dor de cabeça. Outra artesã deixou de fazer charutos, por orientação do médico assistente, pois sentia, com muita frequência, um gosto amargo na boca.

No que tange aos agentes físicos, verificou-se que a iluminação é artificial, considerada boa; as lâmpadas são fluorescentes, espalhadas em vários pontos do galpão e, mais precisamente, acima das bancadas.

No ambiente, inexistente ruído que exija protetor auricular, nem aquele produzido por maquinário, nem pelas vozes das trabalhadoras enquanto comentam sobre suas vidas cotidianas.

Os Fatores de Risco das Operações

Riscos Mecânicos

A disposição do mobiliário facilita o trânsito dos trabalhadores, em particular das charuteiras, e nesse sentido, não se observou risco de queda e nem de

choque entre eles. Das ferramentas utilizadas, a guilhotina pode causar corte nos dedos, seguido de amputação, nos casos mais graves. Durante os preparativos para a entrada em operação do *macaco* de automóvel, há a possibilidade de se prensar os dedos. No setor de anelado, o uso de ferro elétrico pode e já causou leve queimadura em trabalhadoras.

A mesa em que se desenvolve a atividade de controle de qualidade tem uma borda de cerca de 18 centímetros, que a circunda e a projeta para baixo, o que traumatiza o joelho da charuteira, com muita frequência, impossibilitando-a de esticar e movimentar livremente suas pernas. A trabalhadora desse posto manifestou o desejo de oferecer ao patrão sugestões sobre mudanças no desenho dessa mesa.

É importante ressaltar que não há registros de acidentes no setor pessoal da empresa, caracterizando subnotificação.

Riscos Ergonômicos

A organização do trabalho, segundo Maciel (1998), é, em geral, um fator de risco potencial para o desenvolvimento das doenças osteomusculares, quando predominam tarefas manuais e que exigem precisão de movimentos em curtos períodos de tempo, bem como repetitividade, intensificação do ritmo imposto por padrões de produtividade e, sobretudo, quando não há diversificação de tarefas, com os trabalhadores sendo mantidos nas mesmas atividades ao longo dos anos.

Ainda, na visão de Barreira, (1994), os fatores psicossociais, como o estresse e conflitos com chefia e colegas, e os fatores administrativos ou organizacionais, a exemplo da intensificação do trabalho e padronização de procedimentos (impossibilitando o exercício do poder criativo), esses fatores, portanto, operando em conjunto, concorrem também para o adoecimento dos trabalhadores.

No caso específico das charuteiras, os riscos observados durante a visita à fábrica, em particular, os riscos ergonômicos, enfatizados nas análises de

conteúdo das narrativas das trabalhadoras, podem ser verificados durante o processo de produção dos charutos.

Constata-se a exigência de atenção, concentração e submissão ao monitoramento sobre as trabalhadoras, numa atividade altamente repetitiva em termos de gestos e movimentos, mas que exige rigor em todas as suas etapas, desde o cumprimento de metas de produção de charutos por quantidade e por unidade de tempo até a qualidade final do produto.

Quanto às posturas desfavoráveis no posto de trabalho, verifica-se que o posicionamento dos membros superiores das charuteiras, na execução das tarefas relacionadas abaixo, solicita das mãos, punhos e cotovelos, de modo constante, extensão e flexão, pronação (dedos envolvendo e pressionando o objeto com o dorso da mão voltado para baixo) e supinação (a mesma situação, com o dorso da mão voltado para cima): 1) Durante o corte do tirulo, com o uso da guilhotina, e durante o corte das folhas, com o uso de meia-lua de metal e faca circular. 2) Ao manipular as folhas na máquina manual. 3) Na prensagem dos charutos, com o uso do *macaco* de automóvel.

Observou-se que, durante a produção do tirulo e finalização do charuto, ocorre flexão do ombro, com torção ou inclinação lateral da cabeça.

No que se refere às posturas durante a atividade, é visível que o mobiliário, especificamente, mesa, banco e cadeira, contribui para o desconforto, comprometendo a estrutura corporal das trabalhadoras.

No tocante ao número de ciclo de trabalho efetuado por jornada e tempo de ciclo com a mesma seqüência de gestos e movimentos, constata-se que a produção de charutos, além de repetitiva é uma atividade que implica monotonia psicológica e fisiológica, pois o ciclo se repete a cada minuto, durante uma jornada de 9 horas por dia, perfazendo uma média de um tirulo por minuto.

Isso, de forma alguma, estabelece equivalência em relação ao número de charutos produzidos por dia, uma vez que deve ser considerado, e computado, o tempo gasto nas etapas subsequentes.

Observa-se que há uma sobrecarga excessiva na musculatura esquelética dos membros superiores, quando da manipulação de ferramentas e quando as

charuteiras se esforçam além de seu limite físico, para cumprir metas de produção, submetendo-se a essa situação por receio de ser advertida, por medo do desemprego e, uma vez diante dessa fatalidade, ter de enfrentar o duro desafio de reingressar no mercado trabalho.

Por último, mas não menos importante, um fator a ser destacado é o comportamento dirigido para atender metas de produção: aumento da pressão psicológica e física determinando a elevação da cadência, do controle excessivo em relação ao tempo e ao padrão de produtividade (meta diária de 400 charutos) e a inexistência das pausas durante a atividade.

Todos esses riscos são desencadeadores de sintomas — concomitantes ou não — de dor, fadiga, formigamento ou parestesia, edema, perda de sensibilidade ou dormência, perda de força da musculatura esquelética e das seguintes afecções dos membros superiores: tendinite, tenossinovite, sinovite e síndrome do túnel do carpo.

As trabalhadoras, acometidas por essas afecções, e geralmente desamparadas pela empresa, poderiam buscar o afastamento das atividades pela previdência social; no entanto, reconhecendo sua situação de fragilidade no mercado de trabalho, são obrigadas a tomar algumas atitudes prejudiciais à própria saúde e situação funcional, tais como a automassagem com pomadas no ambiente de trabalho; a prática da automedicação; o trabalho com munhequeira (uma faixa com tala); o trabalho sob sofrimento silencioso, que se manifesta durante toda a jornada, com reflexo nas noites e fins de semana; e o absenteísmo.

Fica evidente que fazer charutos é uma atividade estática, que exige das trabalhadoras que se mantenham em postura sentada, movendo apenas mãos, punhos e braços.

Caso não sejam modificadas todas essas condições adversas no ambiente de trabalho, quer organizacionais e/ou psicossociais, do ponto de vista da análise ergonômica, aumentarão as chances de piorar progressivamente o quadro clínico das charuteiras, comprometendo sua capacidade laboral e outros aspectos de sua vida cotidiana.

As charuteiras artesanais, por sua vez, exercem seu ofício no ambiente doméstico, e, mesmo não sofrendo as pressões organizacionais e psicossociais impostas pela empresa, enfrentam condições precárias quanto ao mobiliário e às ferramentas (estas, desgastadas e obsoletas), em que têm que improvisar mesas, cadeiras, bancos, prensas e facas. Apesar dessas condições, elas produzem um número equivalente ou superior de charutos/dia, expondo-se igualmente aos riscos de apresentar os sintomas e contrair as afecções das LER/DORT.

Descrição da atividade no posto de trabalho das charuteiras

As charuteiras, ao sentarem-se na bancada, para assumir o posto de trabalho, recebem molhos de folhas de fumo, de dois tipos, mata fina e mata norte, ambos chamados manoca e compostos de 15 folhas cada um; recebem também folhas trituradas na máquina, ou bagacinho. Em seguida, apoiam o antebraço na superfície lisa da mesa e arrumam, suavemente, uma quantidade de bagacinho em uma calha de uma máquina manual pequena, acoplam metade de uma folha de fumo, do tipo mata fina ou mata norte, denominada capote, e fazem o movimento de vaivém com a manivela. É nessa etapa do processo que se dá a fabricação do miolo do charuto, que é a parte interna, também chamada tirulo, ou charuto parcialmente completo. A prática lhes confere destreza na colocação da quantidade praticamente exata de bagacinho, para que o peso, a depender do tipo do charuto, fique entre 10 e 11 ou 14 e 15 gramas, e entre 1,86 e 1,66 centímetro de diâmetro. Daí, o tirulo é levado para a pesagem, etapa assumida por outra trabalhadora.

A trabalhadora, após a pesagem dos charutos, retorna à bancada para que eles sejam cortados em uma das extremidades, com o uso da guilhotina, e, em seguida, colocados em moldes de plástico, com capacidade para 10 unidades. Após o preenchimento de 30 ou 40 moldes com tirulos, estes são levados, pela própria charuteira, para a prensagem, que se processa em 60 minutos, com intervalos de 30 minutos para cada lado do molde. A prensagem é realizada com a improvisação de um *macaco* de automóvel. As trabalhadoras imprimem força sobre a alavanca do *macaco*. Ao imprimir essa força, fazem movimento de

elevação dos antebraços e de contração da musculatura desta região, em especial a do bíceps. São mais de 10 movimentos até encontrar o ajuste perfeito da manivela. As trabalhadoras deixam os moldes prensando por 30 minutos, viram e repete o procedimento.

Após prensados, os charutos retornam à bancada para capear, ou seja, para a colocação da capa final, que consiste em colocar o tirulo sobre uma folha especial de fumo mata fina, lisa, delicada, atrativa, sedosa e em perfeita condição.

Com uma faca circular especial, chamada chaveta, as trabalhadoras aparam qualquer irregularidade do tirulo e enrolam a capa ao longo do charuto, prendendo a ponta com uma cola vegetal inodora e incolor, feita à base de celulose e água; em seguida, utilizando carretilha e uma pequena meia-lua de metal, fazem um círculo de folha de mata fina, para dar acabamento à cabeça e, por fim, cortam, com uma guilhotina, a ponta do charuto. Esse é considerado o passo mais difícil da fabricação do charuto, por exigir atenção e habilidade.

Em seguida, os charutos são levados para o controle de qualidade, para a uniformização das cores e verificação do tamanho e diâmetro. Há neste posto uma charuteira especificamente destacada para este fim.

Depois, os charutos são levados por trabalhadores (do sexo masculino) para a câmara fria — uma sala sob temperatura de 20 a 30º negativos —, permanecendo ali por três dias; depois, são transportados para a estufa — sala com temperatura entre 32ºC e 77ºC —, onde ficam por mais dois dias. Essa etapa tem o objetivo de eliminar micro-organismos.

A etapa final se dá no setor de anelado, que fica no mesmo galpão da produção; nele, as charuteiras trabalham sentadas, ao redor de uma mesa de madeira, de formato retangular e com capacidade para 10 profissionais, diante da qual permanecem sentadas em cadeiras de madeira. É neste setor em que são colocadas as anilhas, ou anéis de papel especial, impressos com o logotipo da fábrica e a marca do charuto, posicionados ao redor de uma área próxima à cabeça deste. Em seguida, as trabalhadoras fazem maços de 25 charutos, utilizando moldes de madeira e papel celofane, papel este colado com ferro de passar roupa, ligado na eletricidade.

Finalmente, os charutos são transportados para armazenamento, de forma adequada, em uma sala refrigerada, entre 16°C e 18°C, com umidade entre 65% e 75%, e acondicionados em caixa de cedro, que ajudam a mantê-los nestas condições ambientais, para que sua forma e aroma permaneçam inalterados até a sua comercialização.

Charuteiras e a dupla jornada de trabalho

As mulheres, antes do século XIX, trabalhavam em atividades de fiandeiras, costureiras, parteiras, domésticas, agricultoras, entre outras atividades consideradas de menor valor social (CARNEIRO, 2009).

Historicamente, a Revolução Industrial significou a primeira tentativa organizada de absorver o numeroso contingente de mão de obra feminina, com salários mais baixos que os dos homens, sem, no entanto, contribuir para alterar o *status* familiar e social da mulher: ela permanecia fiando de 16 a 18 horas por dia, voltava da fábrica extenuada para servir ao marido, cuidar dos filhos e ainda realizar tarefas domésticas, comportando-se como sujeito passivo de uma realidade marcada pela submissão a diferentes “patrões”.

Habilmente, o capitalismo se apropriou de argumentos pseudocientíficos que defendiam a diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres, e criou, com a incorporação da força de trabalho feminina, mais uma “galinha dos ovos de ouro” (MARX, 1998: 578).

Foi somente em meados do século XX que a mulher teve sua inserção efetiva no mercado de trabalho. Essa conquista se deve a sua conscientização e organização política, através dos movimentos feministas e de outros movimentos sociais, às mudanças culturais, e também às necessidades econômicas do capitalismo, que, para fazer frente aos seus ciclos expansivos, absorveu a mão-de-obra feminina, ao tempo em que aumentou seu exército de reserva (MURARO, 1983; BESSA, 1994; MARX, 1998; HIRATA, 1999, 2002 a, 2002 b)

Vale ressaltar que a remuneração insuficiente do trabalho masculino para suprir os gastos de uma família obrigou a mulher a buscar uma atividade remunerada, com vínculo empregatício ou não, mesmo privando-se dos benefícios

trabalhistas e previdenciários, fato este constatado por (BRUSCHINI, 1994; NOGUEIRA, 2004).

Por conta disso, as condições gerais de trabalho não foram modificadas, ou mesmo pioraram, cabendo à mulher um salário sempre inferior ao dos homens, para uma jornada equivalente no mesmo posto 29% menor, segundo (LAVINAS, 2008), acrescida de uma segunda jornada, em casa, em que não se considera, nas estatísticas manipuladas pelo sistema capitalista, o tempo gasto por elas nas tarefas domésticas, no cuidado com filhos ou parentes idosos e enfermos.

É importante salientar que, no Brasil, o contingente das mulheres trabalhadoras representa 41%, e deste, 40% assumem atividades precarizadas e desvalorizadas (SUAREZ, 2009).

Segundo dados do PNAD (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio) de 2005, 90,6% das mulheres que trabalham fora ainda assumem as tarefas domésticas, consumindo 25,2 horas semanais, enquanto os homens dedicam-se a essas tarefas apenas 9,8 horas.

Portanto, as mulheres têm suas vidas pressionadas, pautadas e reguladas por uma dupla jornada: a do trabalho produtivo e a do trabalho doméstico/reprodutivo (NOGUEIRA, 2006).

Ao intensificar o tempo de trabalho total, para dar conta de tantas tarefas, a mulher vê reduzido ou quase eliminado o seu tempo livre. Os homens, por sua parte, com suas vidas pautadas apenas no trabalho produtivo, dedicam mais tempo para as atividades de lazer.

Tudo isso evidencia as disparidades e desigualdades entre mulheres e homens, colocando no centro do debate as questões de gênero em sua dimensão econômica e social (CARVALHO, 2006; ANTUNES, 2007).

Desde a família, passando pela escola e chegando até o ambiente de trabalho, mulheres e homens reproduzem relações de classe e de poder entre gêneros, relações socialmente construídas e cristalizadas para subalternizar as mulheres, subtraindo-lhes direitos, a exemplo de formação acadêmica adequada e qualificação e capacitação profissional, e sobrecarregando-as de deveres, como se o seu nível de excelência só pudesse ser atingido mediante a realização de

tarefas não-intelectuais e de caráter meramente manual e o que afirma (VALENCIANO, 2006; BOURDIER, 2007).

A tradicional divisão sexual do trabalho, também lastreada como “luta de gêneros”, deve ser repensada, de modo a garantir que a mulher não use o seu tempo livre para assumir mais tarefas domésticas, criando condições para reduzir seu grau de alienação e ampliar seus horizontes de evolução como pessoa humana (ANTUNES & ALVES, 2004)

Mesmo sob todas essas condições impostas às mulheres, sair do ambiente doméstico para atuar no ambiente de trabalho representou para elas o rompimento com a cultura patriarcal, a possibilidade de instruir-se, de tornar-se mais independente e de abrir novos horizontes em sua vida (LÊNIN *apud* CARVALHAL, 2002)

A emancipação da mulher, que teve como primeiro passo o ingresso no mercado de trabalho, se ampliou para os setores sindicais, políticos e religiosos e outros movimentos da sociedade civil organizada, confirmando uma tendência na busca de igualdade social com os homens. Essa nova realidade representa, para a mulher contemporânea, uma terceira jornada, envolvendo-se nas lutas civis, sindicais e políticas, quando assume o seu papel de sujeito ativo no processo de transformação social. (CARVALHAL, 2002)

Como um reflexo de todas essas contradições, e voltando à realidade das charuteiras de São Gonçalo dos Campos-BA, estas evidenciam em suas falas os múltiplos papéis que desempenham: mãe, companheira e trabalhadora. E também, no caso daquelas com vínculo empregatício e sem companheiro, o papel adicional de trabalhadoras alternativas, buscando desenvolver atividades na própria residência, como costurar, bordar, manicure, pintar roupas, para suprir ou aumentar a renda familiar.

Em geral, para as charuteiras, o espaço doméstico assume dupla significação: deixa de ser apenas local de descanso e convívio, e passa a ser também local de trabalho, que, na maioria das vezes, não é respeitado pela clientela, que chega a interferir na rotina familiar, em horários de refeições, lazer e descanso.

Assim, a execução de charutos pela charuteira artesanal equivale, na prática, a transformar o ambiente doméstico em ambiente de trabalho, exigindo, como em qualquer unidade de produção, organização do espaço, nos aspectos físicos ou sociais e familiares.

Segundo declaração de algumas charuteiras, no passado, a produção de charutos servia apenas como complementação da renda familiar, passando, ao longo do tempo, e em muitos casos, a ser a principal fonte de renda.

Tal condição, da mulher como provedora ou coprovedora, não significa uma inversão de poder na unidade doméstica, mas lhe assegura um espaço de negociação com o companheiro, o que pode conduzir a uma maior flexibilização nas atribuições de cada um no cumprimento das tarefas de casa (CARNEIRO & PEREIRA, 2009).

Essa realidade traz um dado revelador: de cada 10 trabalhadores acometidos por LER/DORT, oito são mulheres (CARNEIRO, 1998). Esse fato, ainda segundo a autora, deve-se à inserção da mulher em atividades que pouco requerem do seu intelecto e tudo exigem da delicadeza e destreza de suas mãos, em ambientes onde predominam a monotonia e a repetitividade (CARNEIRO, 1998).

Nesse sentido, a construção de novos valores sociais, nova moral e nova cultura tem sido objeto de debate e luta constante entre as mulheres. Consciente e judiciosamente, luta-se pela democracia, que deve ser construída na igualdade entre homens e mulheres, como um dos caminhos para a igualdade entre os seres humanos e para a abolição das desigualdades de classe.

Análise das narrativas

As informações obtidas nos relatos dos sujeitos e contidas no diário de campo foram analisadas conforme as três diferentes fases: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com a inferência e a interpretação (BARDIN, 2008; MINAYO, 2000, 2001)

Na fase da pré-análise foi feita a leitura dos documentos de coleta das informações e o relatório de campo, para conhecimento do texto e as primeiras impressões e orientações, o que poderia ser chamado de primeiro contato.

Na fase de exploração do material realizou-se a codificação ou enumeração das informações. E na fase do tratamento dos resultados sintetizou-se e selecionou-se os resultados. A inferência partiu do referencial teórico e da interpretação dos achados (BARDIN, 2008; MINAYO, 2000, 2001).

Através dos depoimentos das charuteiras da fábrica, das charuteiras afastadas por problema de saúde e das charuteiras demitidas e das artesãs, foi possível observar que algumas palavras emergiram com certa frequência e há possibilidades concretas para o adoecimento dos membros superiores. Verificou-se ações individuais de defesa utilizadas no confronto cotidiano para evitar adoecimento ou sofrimento dos membros superiores e região da coluna vertebral, como por exemplo, o uso de pomadas para aliviar as dores das mãos e braços, travesseiros que sevem de almofada e são colocados nos assentos das cadeiras e munhequeira usada na região da mão e punho. Essas ações individuais tiveram reflexo coletivo.

Essas situações, segundo Dejours, (1994) são mecanismos usados pelos trabalhadores para modificar, transformar e minimizar sua aceção daquele ambiente ou atividade que o faz sofrer.

Vale ressaltar que o sofrimento advindo das relações interpessoais horizontais e verticais, praticamente, inexistente, pois há uma convergência nas opiniões das trabalhadoras. Entre elas é visível o companheirismo e a solidariedade, nos diversos setores da produção e ao desenvolverem as tarefas.

O fazer prescrito, segundo Dejours (1993) mobiliza a inteligência criativa dos trabalhadores. E isso pode ser constatado na fabricação de charutos que atende um padrão de exigência dos compradores internacionais. Dessa forma, não há como as trabalhadoras usarem sua criatividade. Já as charuteiras artesanais podem usar da sua criatividade em qualquer momento que se faça necessário, ou seja, criar, fazer charutos mais finos. Elas são livres para estabelecer a jornada diária e turno de trabalho, apesar de pressionadas para

atender a uma demanda externa e pequena clientela de charutos avulsos. Toda a produção é comercializada no próprio ambiente doméstico.

Algumas charuteiras não quiseram participar da entrevista, no entanto, aquelas que colaboraram expressaram sem qualquer constrangimento e de forma recorrente sobre as condições de trabalho: a temperatura elevada do ambiente, a ferramenta (*macaco* de carro) e o mobiliário desconfortável (bancada e cadeira).

Contraditoriamente, não houve queixas sobre a produtividade e o cumprimento da meta, percebe-se certo entusiasmo ao relatarem a quantidade de charutos produzidos por dia. Talvez seja pelo fato de trabalharem conversando, com acesso ao celular, certa flexibilidade para tomar água ou ir ao sanitário quantas vezes forem necessárias.

Todas as trabalhadoras entrevistadas, independente do vínculo empregatício, têm orgulho da profissão. Para elas “*Charuto é felicidade*”. “*Sou feliz porque trabalho conversando com as colegas e o ambiente é muito bom*”(Erica, charuteira da fábrica). “*Sou feliz porque gosto do que faço*” (Maria Clara, charuteira da fábrica). Ambas expressam, de forma visível, o prazer em trabalhar como charuteira e especificamente nesta fábrica de charutos, o que revela uma valorização social de sua atividade como trabalhadora.

Para Viegas, (1989) apesar de o trabalho ter dois sentidos: um negativo, que significa exaustão de forças, tormento, castigo, e outro positivo, quer dizer: cultivar, lavar, laborar, em certos momentos este é capaz de nos remeter à idéia de crescimento pessoal e não à de degeneração.

Apesar de expressar valor social em suas identidades, o que se observa perante o trabalho das charuteiras da fábrica, pode ser comparado ao do trabalho industrial em série, cuja organização da produção tem característica baseada no modelo taylorista-fordista, a atividade repetitiva e monótona que este modelo impõe aos trabalhadores, o controle que exerce sobre o seu tempo e os seus movimentos, o ritmo da esteira na linha de montagem, todos esses fatores retiram do trabalhador a condição de sujeito de sua ação, pois tenta transformar o corpo humano em máquina programada para repetir movimentos mecânicos.

Sentia cansaço no final da tarde, porque a carga horária é muito puxada. Todo dia a mesma coisa e a quantidade de charutos que a gente tinha que fazer para a produção daquele dia. Então, o trabalho causa doença, porque todo dia é a mesma coisa, todo dia, todo dia (De Vermelho, trabalhadora afastada por acidente de trabalho).

É nesse sentido que Codo (1995), afirma que mãos e braços sustentam o trabalho e sofre. É a mão que primeiro anuncia o tédio contrapondo a exigência de um ritmo penoso. É através da mão que o trabalhador manifesta e encontra uma linguagem: a dor que revela os conflitos da organização do trabalho que não podem ser ditos, são inomináveis, ou ainda porque o contrato social não permite a expressão da queixa. Portanto, o que se vê é a mão se queixando das LER/DORT pelo dono da mão. *“Não queria estar doente, queria estar na fábrica” (De Vermelho, trabalhadora afastada por acidente de trabalho); “Choro porque as pessoas me chamam de vovó, tenho saudade da fábrica” (Lisa, trabalhadora afastada por acidente de trabalho)*

Lima, (1995) afirma que doença profissional produz uma desorganização, uma desagregação na identidade construída pelo indivíduo e é fortemente influenciada pelo trabalho que exerce e pelas relações sociais conquistadas através dele.

Ainda, segundo o autor, o trabalho, todavia, é uma referência fundamental para o indivíduo, influenciando decisivamente não apenas na construção de sua identidade individual, como também em sua forma de inserção no meio social. Quando há uma ruptura nesse processo, provocada por acidente de trabalho de conseqüências irreversíveis, moléstia ocupacional, desemprego ou qualquer outro infortúnio que implique afastamento do trabalhador, surge como conseqüência uma fragilização de sua identidade, do ponto de vista individual e social. A reconstrução da identidade busca um novo sentido para a própria vida, seja através da readaptação quando a lesão causa incapacidade apenas parcial para o trabalho, seja na busca de uma nova forma de trabalho possível, diante da incapacidade total para o exercício da atividade anteriormente desempenhada.

Dói os braços e os pés (D. Joanhina, artesã); Sinto uma dor bem chata, quando acordo é difícil abrir as mãos, tenho tendinite (Maria Clara, trabalhadora da fábrica); Já comecei a sentir dor no braço e mão

diariamente (Aline, trabalhadora da fábrica); Tenho LER, fiquei afastada e depois fui demitida, estou desempregada. Hoje não lavo nem roupa e tenho dificuldade para pentear o cabelo (Flor, ex- trabalhadora).

De acordo com os relatos das trabalhadoras, é possível perceber que, após a doença e o tempo de sua permanência, emerge a necessidade de se buscar alternativas para reconstrução da sua identidade, devido à impossibilidade de realização das atividades anteriores e pelo fato de não saber quais são seus limites e suas possibilidades no ambiente de trabalho.

Houve uma redução da produção e dos funcionários. Há um sofrimento de demissão. O ambiente é o causador da tristeza dos trabalhadores que pode ser traduzido por Déjours (1993) como um tipo de sofrimento no trabalho. Este sofrimento leva a diferentes reações corporais e mentais. Com as demissões as atividades aumentam e há maior contração muscular durante o desenvolvimento das atividades. Sofre-se de dor física nos membros superiores e da falta de suas companheiras de trabalho.

Sobre isto, dizem:

Sinto-me triste porque reduziu a fabricação diária dos charutos; Sinto tristeza pelas colegas demitidas (Lai, trabalhadora afastada por acidente de trabalho). A gente não faz mais a quantidade que fazia, a fábrica está em crise (Aline, trabalhadora da fábrica);

De acordo com Braverman, (1987) o desemprego, nas condições do capitalismo, é parte necessária do mecanismo do trabalho do modo capitalista de produção. É continuamente produzido e absorvido pela energia do próprio processo de acumulação do capital. Durante a fabricação dos charutos as trabalhadoras utilizam uma máquina para fazer o enchimento e para prensá-los fazem uso de uma ferramenta muito utilizada para elevar o carro e trocar pneu, chamada *macaco*. Ambas as ferramentas são usados pelo membro superior direito, repetidas vezes em vai-e-vem. Todas as trabalhadoras da produção utilizam destas duas ferramentas. A primeira em cada charuto e a segunda ferramenta para uma quantidade de charutos acondicionados em moldes.

A máquina de encher e o *macaco* fazem adoecer. Para elas deveriam tirar essas máquinas:

A máquina de encher e o macaco eles deveriam tirar para não adoecer a gente. Sinto cansaço. A prensa/*macaco* e a máquina de enchimento doem os braços e mãos, essa dor prolonga durante o dia e à noite. A dor é cansada. (Rute, ex-trabalhadora); Tenho tendinite e com certeza foi o trabalho, quando aperto o *macaco* (Maria Clara, trabalhadora da fábrica); Coloco anel em cada charuto, que compõe 150 caixas contendo 25 charutos cada uma, totalizando 3.750 unidades, além de fechar os pacotes utilizando o ferro elétrico (Erica, trabalhadora da fábrica).

Segundo Facchini (1996) os agentes mecânicos existentes no ambiente de trabalho, os quais a charuteiras estão expostas, são desencadeantes ou agravantes de dores e afecções osteomusculares.

Trabalho no anelado, colocando anel de papel em cada charuto para compor pacote de 25 unidades, que totaliza 150 pacotes, ou seja, lida com 3.750 charuto, por dia. além de fechar os pacotes utilizando ferro elétrico Já comecei a sentir dor no braço e mão diariamente (Aline, trabalhadora da fábrica); *Eu sei que a dor nos braços é do macaco e nas costas da cadeira dura (Cláudia, ex-trabalhadora da fábrica).*

Outra voz, apesar do sofrimento – dores intensas nos braços – fala sobre o reconhecimento do seu trabalho:

Fico feliz quando o charuto está sendo usado no mundo todo e porque eu passei no programa das Pequenas Empresas e Grandes Negócios. Me senti lá em cima, um orgulho danado (De Vermelho, trabalhadora afastada por acidente de trabalho); Sentia prazer quando alguém dizia que meu charuto era bom, daí caprichava ainda mais (Silvia, artesã); Ave Maria! fico por demais feliz quando o meu trabalho é visto por outras pessoas (Érica, trabalhadora da fábrica).

A valorização do trabalho pelo empregador ou pela clientela usuária do serviço tem sido comprovadamente um fator benéfico para os trabalhadores.

Entretanto, o trabalho é também a atividade vital ou de afirmação do ser humano, em si mesmo, atividade que se produz como valor, e sem o qual a vida não subsistiria. E, nessa perspectiva, assume duas dimensões distintas e sempre articuladas: a primeira se subordina às necessidades imperativas do ser humano como um ser que necessita produzir os meios de manutenção e desenvolvimento

de sua vida biológica e social; a segunda dimensão se realiza, uma vez atendidas tais necessidades imperativas, pelo trabalho criativo e livre ou trabalho não delimitado pela necessidade (CIAVATTA & FRIGOTTO, 2002).

A promessa de liberdade e felicidade que o trabalho pode dar ao trabalhador é um feitiço característico de dominação do capital. Essa possibilidade é incorporada pelo trabalhador, no entanto, à medida que ele passa a ter uma compreensão dos seus limites no ambiente de trabalho e a marca de suas mãos no produto, essa felicidade é ameaçada. (CÓRDULA, 2009). Também, em alguns casos, observa-se um sentimento de frustração pela qualidade do produto.

Sabe-se que o trabalhador sente-se satisfeito quando a matéria prima ou as ferramentas utilizadas na realização de suas atividades são de boa qualidade, ou adequadas. O fazer com prazer está associado a uma produção dentro dos padrões de qualidade. É o querer perceber a satisfação em quem faz uso do resultado do seu trabalho, está no desejo de cada trabalhadora.

Meu trabalho é excelente, não quero trocar por outro, converso com as colegas faço e recebo ligação telefônica (Érica trabalha na fábrica); Quando eu fazia charutos eu cantava uma musiquinha, conversava com meus filhos pequenos e ouvia rádio (D. Fiu, artesã). Amo o trabalho que faço. Gosto de tudo, não tenho problema com ninguém (Dulce, trabalha na fábrica).

Carvalho (2008) afirma que Karl Marx e John Ruskin consideravam que o artesão tinha uma maior liberdade, por possuir os meios de produção e pelo alto grau de satisfação e identificação com o produto. Entretanto, a charuteira da fábrica, mesmo não sendo artesãs de seu próprio trabalho, a qualidade de vida no ambiente de trabalho, perpassa pelo lazer e ou pela descontração do sofrimento ao desenvolver suas atividades. A tentativa de muitas é dissipar a dor, o ambiente sob pressão da chefia, as relações interpessoais abaladas pela competitividade. Dizer sobre a satisfação faz parte desse modo de dissipar algum tipo de sofrimento que se quer velar.

De acordo com Antunes (1982), um dos principais objetivos do toyotismo

foi à redução do desperdício de tempo, e para tanto permitiu o trabalhador “respirar produzindo”. Nesse sentido, não há trabalhadora ociosa na fábrica de charutos, pois à medida que ouvem música, conversam e atendem o celular, não há declínio na produtividade e sim, o cumprimento da meta, em que fazem cerca de 400 charutos por dia.

Segundo Marx (1984) aliviar o trabalho diário do ser humano não é, de modo algum, a finalidade da maquinaria utilizada como capital. Esta é destinada apenas a baratear mercadorias e a encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo, e estendendo a outra parte da jornada, não paga que fica para o capitalista. Dessa forma, a maquinaria é meio de produção de mais-valia.

Acredito que as colegas que usam o macaco que é puxadinho, porque faz força para apertar e folgar na hora de prensar tem condições de adoecer (De Vermelho, trabalhadora afastada da fábrica por acidente de trabalho). Sinto cansaço. A prensa/*macaco* e a máquina de enchimento doem os braços e as mãos, essa dor prolonga durante o dia e à noite. A dor é cansada (Rute, ex trabalhadora).

*

“Os homens não queriam nada”; disse-me Alice num dia de conversa, eles eram jovens e preguiçosos segundo outra charuteira (Lia, ex- trabalhadora).

O quadro inicial da empresa de charutos contava com mulheres e homens na produção, que recebiam salários equivalentes, porém, a divisão sexual do trabalho não partiu, a principio, da empresa, mas do conflito existente entre os homens ao realizarem as atividades.

O motivo que levou a empresa a não contratar homens para a produção dos charutos foi revelado pelo representante da fábrica e por algumas charuteiras: eles se recusavam a produzir a quantidade/dia estabelecida pela empresa, enquanto elas demonstravam mais interesse, submissas e habilidade na confecção. Os homens buscaram em outros municípios alternativas de trabalho com melhor remuneração.

Acredita-se que os homens, devido à cultura e a criação, historicamente, não se adaptaram a esse tipo de atividade, que exige delicadeza das mãos ao contato com as folhas do fumo. Por outro lado, as mulheres criadas nesse mesmo contexto, em que a divisão do trabalho perpassa a questão de gênero, elas acabam aceitando e acreditando que o homem não tem paciência e não possui mãos delicadas para desenvolver certas atividades como a produção charutos. É como enrolar tecidos com os dedos (SILVA, 2001).

Vale ressaltar que na produção de charutos, não há necessidade de qualificação de mão de obra, o que reflete na política de recursos humanos no interior da fábrica, que resulta em desfavorecer as mulheres. Nesse sentido, não se especializaram, continuaram como trabalhadoras manuais, não progrediram em nível salarial ou mudança de cargos.

Nesse sentido, a empresa, aproveitando dessas contradições, agiu de forma estratégica contratando apenas as mulheres e excluindo totalmente os homens, o que torna evidente é que se a lógica é atender metas a questão de gênero está presente nessa realidade da fabricação de charutos.

No tocante à fantasia de “fazer charutos nas coxas”, segundo Lopes (2003), esta surgiu entre os poetas europeus do século XIX, devotos do prazer de fumar, fantasia esta que envolveu de romantismo a prática de fazer charutos de qualidade por mulheres insinuantes que enrolariam o fumo em uma das coxas, com as pernas cruzadas e a saia arregaçada. Nada mais ilusório. Pois, feitos desta forma, resultariam em produtos tortos, com bitola defeituosa, comprometendo a queima e a extração da fumaça. Além disso, as folhas liberam substâncias que mancham as roupas e podem provocar dermatite de contato. Acredita-se que o fato de algumas mulheres separarem e colocarem as folhas selecionadas sob suas coxas, para formar um fardo ou maço e este ir à secagem, tenha contribuído para a origem dessa lenda, especialmente no imaginário masculino contemporâneo. Tal mística foi útil aos empresários, porque ajudou a difundir o uso e a comercialização dos charutos no mundo.

Quando questionadas sobre o fundo de verdade dessa história, as trabalhadoras se limitaram a dizer que já ouviram falar, porém nunca fizeram

charutos dessa maneira, muito menos presenciaram tal procedimento por parte de outras charuteiras.

Repercussões das LER/DORT na vida das charuteiras

Os problemas das LER/DORT na vida das charuteiras vão além das alterações clínicas. Segundo as narrativas das trabalhadoras, a dor e outros sintomas as impedem de realizar tarefas domésticas, a exemplo de lavar, passar, cozinhar e varrer a casa; e de manter os cuidados habituais com a sua higiene pessoal: tomar banho, escovar os dentes, lavar e pentear os cabelos, dificuldade para dormir, problemas psicológicos, frustração, medo do futuro, raiva de seu estado de incapacidade e sentimento de culpa por estar doente.

Essa situação dolorosa que limita a ação dos membros superiores interfere no relacionamento afetivo com o companheiro, contribuindo para desgastar o convívio do casal e da própria vida familiar.

Frustrada pela impossibilidade física de não mais poder realizar as tarefas domésticas, a trabalhadora, antes, sempre viva, ativa e independente, passa pelo constrangimento de ser cuidada, até mesmo na sua higiene pessoal, por outros membros da família.

Como sua dor não é tangível, ao tentar desabafar com outras pessoas sobre o seu sofrimento, no ambiente de trabalho ou fora dele, a charuteira esbarra na descrença, na incompreensão, na indiferença, ou na simples e pura chacota (sendo apelidada ou tratada de vovó, preguiçosa etc.), o que só faz aumentar seu sentimento de impotência e sua sensação de desamparo psicológico.

Com o afastamento do trabalho em idade produtiva, a charuteira experimenta uma queda em sua autoestima, causada por um sentimento de inferioridade e de frustração pessoal, e, depois, por constrangimentos de ordem social, por ser alvo de recriminações ostensivas ou veladas no seu cotidiano.

Para agravar ainda mais o quadro, o Sistema Único de Saúde limita o número de sessões mensais de fisioterapia, reduzindo suas expectativas de retorno ao trabalho e comprometendo suas esperanças de retomada da normalidade da vida.

Quando à incapacitação é temporária; a trabalhadora volta à atividade profissional, e a empresa apenas se vê na obrigação de cumprir os 12 meses de estabilidade (OLIVEIRA, 2002). Mas, em geral, demiti-a automaticamente, fazendo com que sofra mais um duro golpe nas suas perspectivas de vida, o que se repete, em caráter quase que sumário, no caso da trabalhadora cuja patologia não é considerada doença ocupacional pela previdência social.

Conclusão

De acordo com as falas das trabalhadoras ativas da fábrica; das ex-trabalhadoras da fábrica, demitidas ou afastadas por problemas de saúde; e das trabalhadoras artesãs, a atividade é prazerosa e traz felicidade, apesar de necessitar e exigir uma carga de trabalho da musculatura esquelética.

A produção exigida por dia é para cumprir meta quando se refere às trabalhadoras da fábrica, porém a produção das artesãs se dá pelo fato dos charutos terem valor de mercado, muito baixo.

Portanto, a quantidade de charutos produzida por dia e por qualquer charuteira, seja ela artesã ou não, desencadeia sintomas na musculatura esquelética, que em algumas charuteiras já foi diagnosticado como LER/DORT, por órgãos estaduais de referência em saúde do trabalhador. No entanto, a maioria delas, talvez por medo de serem demitidas, não procura o médico ou se automedicam.

Constata-se também nas falas, que todas as charuteiras têm a compreensão de que a atividade de fazer charutos causa doenças ou sintomas como dor, nos membros superiores e na coluna vertebral, devido às ferramentas de trabalho e a carga horária.

Fica evidente, através das charuteiras afastadas pela previdência social, por doença ocupacional (com relatório e comunicação de acidente de trabalho (CAT) emitidos pelo CESAT), a falta de responsabilidade e compromisso que as empresas veem tendo para reconhecer a doença como uma patologia

ocupacional, apesar do tratamento civilizado que mantém com as trabalhadoras no ambiente de trabalho.

Existe o sindicato da categoria, mas no momento, pouco ou nada tem sido feito pelos trabalhadores, que segundo um dos diretores, deve-se a falta de filiação

A aproximação com o material da pesquisa possibilitou uma análise, visualização e compreensão do ofício das charuteiras, destacando situações referentes à divisão e condições de trabalho, fragmentação do grupo de trabalhadoras de acordo com os postos de atividade.

Diante desse quadro, emerge possivelmente pela primeira vez a vontade de expressar sobre o ambiente de trabalho e a própria atividade.

A possibilidade de discutir o que está prescrito resultou em sugestões que a empresa deve acatar, pelo fato de contribuir, de forma positiva, com a organização do trabalho. Essas sugestões condizem com o que foi observado no ambiente de trabalho.

É necessário compreender que essas defesas conscientes ou inconscientes, traduzem a aceitação que as trabalhadoras têm sobre o seu ambiente e posto de trabalho, que são capazes de produzir doenças, sendo que algumas defesas são capazes de negar o risco de adoecimento ou agravamento da doença e favorecendo a adaptação e manutenção das trabalhadoras ao ambiente de trabalho nocivo.

Nesse sentido faço algumas recomendações:

1. Contratar especialista em análise ergonômica, com o objetivo de buscar melhorias organizacionais e psicossociais para as charuteiras, considerando conceitos da administração moderna que apontam para a relação direta entre maior produtividade e melhor qualidade de vida no ambiente de trabalho.
2. Diversificar o trabalho, promovendo o rodízio de charuteiras nas etapas de produção, com o objetivo de eliminar a monotonia fisiológica e psicológica que cerca a sua atividade.

3. Ampliar o número de charuteiras em cada uma das etapas, para que, com a abertura de novas vagas na empresa, e mediante uma divisão mais proporcional da quantidade de charutos produzidos individualmente, seja possível manter a produção em escala, com produtividade, e de forma mais humana, sem sacrificar a saúde do conjunto das trabalhadoras.
4. Pré-estabelecer, com base em períodos curtos, quais as charuteiras que ficarão encarregadas de manipular o *macaco* de automóvel na etapa da prensagem, de modo a evitar sobrecarga na musculatura esquelética, do conjunto das trabalhadoras.
5. Instituir pausas de 10 minutos a cada 50 minutos trabalhados, para evitar fadiga e traumatismo na musculatura esquelética das charuteiras, considerando que a sua atividade é estática, repetitiva e que exige atenção, concentração, habilidade e longos períodos de permanência sobre cadeiras.
6. Respeitar a liberdade e conferir autonomia às charuteiras durante todas as etapas, para estimular sua criatividade na busca de novas, melhores e mais adequadas condições de trabalho.
7. Estabelecer metas de produção por equipe, para criar equidade e desenvolver relações de solidariedade entre as trabalhadoras.
8. Manter o ambiente saudável do ponto de vista do conforto térmico, para tornar mais humana e agradável a atividade das charuteiras, já em si mesma extenuante.
9. Readequar mobiliário, equipamentos e ferramentas, ajustando-os às características físicas das charuteiras, visando seu maior conforto durante a realização das tarefas.
10. No reforço alimentar matinal, oferecer opções que incluam raízes, legumes, verduras e frutas regionais, de acordo com a estação do ano, considerando preferências e sugestões das trabalhadoras.
11. Ouvir a opinião das charuteiras sobre questões relativas ao ambiente e organização do trabalho, considerando sua sensibilidade e maior experiência para resolver problemas gerais e específicos de sua atividade.

12. Substituir os basculantes por janelões, para que o ar circule e a iluminação natural possa penetrar no ambiente de trabalho.
13. Substituir, a curto e médio prazo, as telhas de amianto por telhas termoacústicas, que apresentam a vantagem de possuir capacidade de cobertura e de redução da passagem de calor e ruído para o ambiente interno.
14. Disponibilizar armários individuais, para que as trabalhadoras possam guardar os seus pertences, evitando colocá-los na bancada e pendurá-los no encosto da cadeira de trabalho.
15. Considerar opiniões e sugestões das charuteiras na definição do uniforme, para que elas se sintam motivadas a usá-lo no cotidiano da fábrica.
16. Instalar bebedouro no galpão de produção, como também em outros ambientes da fábrica, evitando que as trabalhadoras tragam a água de casa para consumir sob temperatura acima da natural.
17. Introduzir, como prática corrente, a ginástica laboral.
18. Criar programas de capacitação e qualificação profissional, nas modalidades presencial e a distância.
19. Reduzir a jornada de trabalho evitando a sobrecarga e, conseqüentemente, a possibilidade de ocorrência das doenças osteomusculares.

Referencias Bibliográficas

ARAÚJO, A.C.N; MOREIRA, J.M. *Influência dos sintomas osteomusculares na qualidade de vida e potencial produtivo de um grupo de rendeiras*. Anais, Resumo apresentado na I Semana Acadêmica de Fisioterapia. Maceió, 2006.

ALMEIDA FILHO, N; ROUQUAYROL, M.Z. *Introdução a Epidemiologia Moderna*, 2ª edição. Belo Horizonte, Salvador e Rio de Janeiro, COOPMED-APCE-ABRASCO, 1992

ANTUNES, R. *Japan in the Passing Lane* (A fábrica do desespero) reportagem sobre a Toyota feita por Satoshi Kamata, 1982.

- _____. R. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- ANTUNES, R & ALVES, G. *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. Campinas. Educação e Sociedade, vol.25, n.87, p.335-351, mai/ago.2004.
- ASSUNÇÃO, A.A. *Sistema músculo-esquelético: lesões por esforços repetitivos (LER)*. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. São Paulo, Atheneu, 1995.
- ASSUNÇÃO, A. A; ALMEIDA, I.M. de. Doenças osteomusculares relacionadas com o trabalho: membro superior e pescoço. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. São Paulo, Atheneu, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BARREIRA, T.H.C. *Abordagem ergonômica da LER*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. v 22, n 84, p. 51-60, 1994.
- BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, 1991
- BESSA, K.A.M. (ORG). *Trajetórias do gênero, masculinidades*. Cadernos PAGU. Núcleo de Estudos de Gênero. UNICAMP. Campinas, São Paulo. 1998.
- BOM SUCESSO, E.de.P. *Trabalho e qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Protocolo de Investigação, Diagnóstico e Prevenção das LER/DORT*. Brasília: Ministério da Saúde 2000.
- BRASIL, Ministério da Previdência Social. *Anuário Estatístico de Acidente de Trabalho*, 2007. Disponível em <www.previdenciasocial.gov.br/docs> Acessado em outubro de 2009.
- BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. *Normas regulamentadoras de medicina e segurança do trabalho*. 48 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Tradução de CAIXEIRO, N.C.. 3a. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.

- BRUSCHINI, C. *O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes*. In: Saffioti, HIB & Muñhoz-Vargas M. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/NIPAS; Brasília, D.F.:UNICEF, 1994.
- CARNEIRO, C.M. Perfil social da LER. In: OLIVEIRA, C.R. de et al. *Manual prático de LER*. Belo Horizonte: Health, 1998.
- CARNEIRO, M.J. & PEREIRA, J.L.G. *Confecção doméstica em área rural: relações de gênero em questão*. *TERRA E CULTURA*, ANO XIX, Nº 37 93 em 06 de março de 2002. Disponível na internet <http://www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano/textos>. Consultado em outubro, 2009.
- CARVALHAL, T.B. *A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero*. Revista Pegada, Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, v. 3 n. 1 Presidente Prudente, 2002.
- CARVALHO, E.A.F. *Artesanato, ciência e educação sócio-ambiental*. Artigo apresentado como trabalho de conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná, em parceria entre a Secretaria de Estado da Educação e o Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2008.
- CARVALHO, M.E.P de. *Consciência de gênero na escola: problematizando a pedagogia crítica na formação docente*. in: PAULO F. Na história da educação do tempo presente, org. AFONSO CS. Porto, Portugal: afrontamento, 2006
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CIAVATTA, M.; FRIGOTTO, G. *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CODO, W. Providências na organização do trabalho para prevenção da LER. In: CODO, W; ALMEIDA, M.C.C.G. de (Orgs.). *LER: diagnóstico, tratamento e prevenção: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CÓRDULA, R. Artesanato. Disponível na internet <http://www.cultipopbrasil.org/artigos/raul_cordula/artesanato> Acessado em 2009.
- COULON, A. *A escola de chicago*. Campinas: Papiro, 1995.
- COUTO, H.A. *Tenossinovites e outras lesões por traumas cumulativos nos membros superiores de origem ocupacional*. Belo Horizonte: Ergo, 1991.

- CUNHA, W.T. *Os docentes do ensino superior e as doenças ocupacionais*. Bragança Paulista-SP, Dissertação. Universidade São Francisco, 2000.
- DEJOURS, C. *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- _____. *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- DURKHEIM É. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ícone, 1994.
- FACCHINI L.A. *Proceso de trabajo, cambio tecnológico y desgaste obrero*. México: UAM – Xochimilco, Maestria em Medicina Social, tese, 1996.
- FERREIRA JUNIOR, M. *Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde do trabalhador*. São Paulo: Roca, 2000.
- FREITAS, MCS. Uma abordagem fenomenologica da fome. *Rev. Nutrição*, Campinas, v. 15, n 1, jan./abr, p. 53-69, 2002.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DA ARTE- Funart. *Artesanato brasileiro*. Rio de Janeiro. Introdução Valladares Clarival do Prado, 1986.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 2008.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas da pesquisa qualitativa*. São Paulo: Atlas, 1994
- GODOY, A.S. *Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, mar/abr, 1995. p. 57-63..
- GUÉRIN F. *Compreendendo o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgard Blucher, Fundação Vanzolini, 2001.
- HIRATA, H. *Globalização e divisão sexual do trabalho*. *Cadernos Pagu* (17/18). Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp. São Paulo, 2002.
- _____. *Nova divisão sexual do trabalho? Boitempo Editorial*. São Paulo, 2002.
- _____. *Flexibilidade, trabalho e gênero*. Santiago. (Mimeo), 1999.
- JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M.W. *Entrevista narrativa*. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAURELL, A.C; NORIEGA, M. *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*). São Paulo: Hucitec, 1989.

- LAVINAS, L *et al.* *Trabalho a domicílio: novas formas de contratação*. Disponível na internet <http://www.ilo.org> e consultado em setembro de 2008.
- LIMA, M.L.. Percepção de riscos ambientais. In Souza L. (Org.). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa, Portugal: Fundação Colouste Gulbenkian, 2005.
- LIMA, A.B.; OLIVEIRA, F. Abordagem psicossocial da LER: ideologia da culpabilização e grupos de qualidade de vida. In: CODO, W.; ALMEIDA, M.C.C.G. de (Orgs.). *LER: diagnóstico, tratamento e prevenção: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOPES, A.J.D. *Fumaça de primavera*. 2003. Disponível em <<http://www.charutos.com.br>> acesso março, 2009.
- LUCIA, V. *Síndrome De Quervain-tenossinovite*. Disponível em <<http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/reumato/quervain1.htm>> acesso out/2008.
- MACIEL, R.H. Ergonomia e lesão por esforço repetitivo. In: CODO, W; coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*: livro I, vol. 1/ MARX, K. Tradução de SANT'ANNA, R. – 17^o ED. – RIO DE JANEIRO: Civilização Brasileira, 1998.
- MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MELO, C.D. *Doenças ocupacionais com ênfase a ler/dort*. Florianópolis-SC. Monografia (Programa de Gestão Universitária) -Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
- MENDES, R. *Patologia do trabalho* Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.
- MINAYO, MC. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIRANDA, C.R. *Introdução a saúde no trabalho* Janeiro: Atheneu,. São Paulo: Atheneu, 1998.
- MICHEL, O. *Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais*. São Paulo: LTr, 2000.
- MURARO, R.M. *Sexualidade da mulher brasileira*. Corpo e Classe social no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

NARDI JB, *O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *A história do fumo brasileiro*. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1985.

NAVARRO, M.B.M; CARDOSO, T.A.O. *Percepção de risco e cognição: reflexões sobre a sociedade de risco*. *Ciências & Cognição*. Recuperado em 15 janeiro de 2006, da

[http:// www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org). Acesso em outubro 2008.

NOGUEIRA, C.M. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. *Revista Boitempo*. São Paulo, 2004.

_____. *O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução – um estudo das trabalhadoras do telemarketing*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NUNES, A.C.P.P. Competitividade na indústria de charutos da Bahia: o caso da Menendez Amerino & Cia Ltda. *Mgistra*, Cruz das Almas-Ba, v16 n2, Jul/Dez, p 56-72, 2004.

OLIVEIRA, S.G. *Proteção jurídica à saúde do trabalhador*. São Paulo: LTr, 2002.

PENA, G.L; FREITAS M.C.S. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia. *Rev C S Col* [periódico na internet] 2008 [citado em janeiro de 2010]; [cerca de 20 p.] Está disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br>

PINHEIRO JQ. Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI. Sustentável. In. Yamamoto OH, Gouveia VV. (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

PORTO, M.F.S. *Análise de riscos nos locais de trabalho*. São Paulo: Fundacentro, 2000.

RAMAZZINI, B. *As doenças do trabalhadores*. 2.ed. São Paulo: Fundacentro, 2000.

RANNEY D. *Doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho*. São Paulo: Roca, 2000.

RIBEIRO, H.P. *A violência Oculta do Trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROCHA, L.E; FERREIRA JUNIOR, M. Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. In: Ferreira Junior, M. *Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores*. São Paulo, Roca, 2000

_____. *A violência do trabalho no capitalismo. As lesões dos membros superiores por esforços repetitivos (ler) suas dimensões sociais do trabalho e individual e a construção do movimento dos bancários sobre a questão*. São Paulo, Dissertação (Faculdade de Saúde e Pública) – Universidade de São Paulo, 1996.

SELLTIZ, C. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1995.

SILVA, C.A.F. *As regras do jogo e o jogo das regras*. In VOLTRE, S.J.(Org.). *Representação social do esporte e da atividade física: ensaios introdutórios*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

SILVA, E.R.da. *Fazer charutos: uma atividade feminina*. Dissertação / Mestrado em História na Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas - UFBa.), 2001.

SUAREZ, M. *Conceito de gênero – desafios para as políticas públicas*. Disponível na internet http://www.emprego.sp.gov.br/genero_painel1.html, consultado em dezembro 2009.

TRIVIÑOS, A.N,S. *Introdução à Pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, 1997.

_____. Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais. *Caderno de Pesquisa Ritter dos Reis*, v. 4, novembro, 2001.

DIÁRIO DO FUMO. *Menendez busca nova linha de charuto e cigarrilhas*. Disponível em <<http://www.charuteiras.com.br>, mai/2008, acessado em out/ 2008.

VIEGAS, S. *Trabalho e Vida*. In: Conferência pronunciada para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INSS-BH, 1989.

VALENCIANO, R.C. *A participação da mulher na luta pela terra: discutindo relações de classe e gênero*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

ANEXOS

1. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA EMPRESA

1. Qual a data da fundação da fábrica de charutos?-----
2. Quantos funcionários existem na fabrica?-----
3. Quantos com vínculo empregatício?-----
4. Quantos terceirizados?-----
5. Quantas mulheres trabalham na fabrica?-----
6. Quantas mulheres trabalham no setor de fabricação de charutos?-----
7. Qual a área física da fábrica?-----
8. Qual a área física do local de fabricação de charutos?-----
9. Qual a produção diária de charutos?-----
10. Há demanda dentro do Estado da Bahia? () SIM () NÃO
11. De quantos charutos?-----
12. Há demanda de outros Estados do Brasil? () SIM () NÃO
13. De quantos charutos?-----
14. Há demanda de outros países? () SIM () NÃO
15. De quantos charutos?-----
16. Em quantas etapas se dá a fabricação de charutos?-----
17. Quais são essas etapas?-----

18. Relate cada etapa do processo de produção do charuto.-----

19. Quais os materiais utilizados na fabricação dos charutos?-----
20. Quais os equipamentos utilizados para a realização da atividade? -----

21. A empresa oferece treinamento para as trabalhadoras? () SIM () NÃO
22. A jornada de trabalho é de quantas horas/dia?-----
23. A jornada de trabalho é de quantas horas/semana?-----
24. Quantas pausas são feitas durante a jornada diária de trabalho?-----
25. Qual o tempo para o almoço?-----
26. A empresa fornece uniforme/EPI para os trabalhadores? () SIM () NÃO
27. O que compõe o uniforme das charuteiras?-----

28. A empresa já forneceu a algum equipamento de proteção coletiva?
() SIM () NÃO

- 29.Quantos trabalhadores são sindicalizados?-----
- 30.Quantas mulheres são sindicalizadas?-----
- 31.A que sindicato pertencem?-----
- 32.Os trabalhadores recebem vale transporte? () SIM () NÃO
- 33.Os trabalhadores fazem refeição na empresa? () SIM () NÃO
- 34.Os trabalhadores recebem ajuda alimentação? () SIM () NÃO
- 35.A empresa realiza exames admissionais? () SIM () NÃO
- 36.Quias?-----
- 37.A empresa realiza exames periódicos ? () SIM () NÃO
- 38.Quias?-----
- 39.A empresa realiza exames demissionais? () SIM () NÃO
- 40.Quias?-----
- 41.A empresa fornece assistência médica conveniada? () SIM () NÃO
- 42.Quais as especialidades?-----
-
- 43.A empresa tem SESMET? () SIM () NÃO
- 44.Qual a composição?-----
-
- 45.A empresa tem PCMO? () SIM () NÃO
- 46.A empresa tem PPRA? () SIM () NÃO
- .Existem trabalhadores afastados por problemas de saúde? () SIM () NÃO
- 42.Quantas mulheres?-----
- 43.Existe registro de doenças relacionadas com os membros superiores?
() SIM () NÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como é o seu trabalho? Fale um pouco sobre ele. Você gosta de ser charuteira?

Você gosta e tem prazer em fazer charutos? O que lhe deixa feliz no trabalho? O que lhe entristece no seu trabalho?

Durante a fabricação de charutos você conversa sobre quais assuntos?

Você se considera uma trabalhadora realizada profissionalmente?

Quando você está trabalhando sente dor em alguma parte do corpo?

Você acredita na possibilidade do seu trabalho causar alguma doença ou fazer você sentir dor?

Você já ficou afastada das atividades por problemas de saúde? Relate sobre esse problema.

Esse problema de saúde você sente dor, perda de força muscular, inchaço e dormência?

Em qual das etapas da fabricação de charutos você sente dor ou incomoda mais?

Em que etapa da fabricação dos charutos você gosta mais ou se sente melhor?

Quando você acorda para trabalhar você sente dor? Como é essa dor?

Quando está trabalho, no turno da manhã, você sente dor? Descreva sobre essa dor?

E durante à tarde essa dor melhora?

Durante à noite você se sente mais aliviada?

O que você gostaria que mudasse em seu trabalho para diminuir a dor?

Você já pensou em desistir dessa profissão? Relate um pouco.

Tem alguma mensagem que você gostaria de dizer para as suas colegas charuteiras?

Você se sente realizada em saber que os charutos produzidos por você esta sendo consumido no mundo inteiro?

Em casa, você faz alguma atividade doméstica? Como você se sente ao realizá-las? Sente dor?

Quando você está se arrumando, penteando-se sente dor?

Descreva como é o seu cotidiano fora da fabrica, o que faz, o que gosta de fazer?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa Acepção de Risco de Adoecimento em LER/DORT por charuteiras, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisadora ou com a instituição em que você trabalha. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisadora principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA: ACEPÇÃO DE RISCO DE ADOECIMENTO EM LER/DORT POR CHARUTEIRAS.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Wéltima Teixeira Cunha

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Medicina da UFBA.

ENDEREÇO: Largo do Terreiro de Jesus, s/n

Centro Histórico

CEP: 40025-010 Salvador-Ba

TELEFONE: 71 3321-0383/ 0983 / 4503

ORIENTADORA: Maria do Carmo Freitas

OBJETIVOS: Compreender a percepção que as charuteiras têm em relação as lesões por esforços repetitivos em sua atividade laborativa.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se você concordar em participar da pesquisa, você terá que responder um formulário constituído de perguntas referentes aos seus dados pessoais, sua atividade doméstica e sua atividade profissional. Tirarei fotos de cada etapa do processo produtivo. Ao término desta pesquisa as informações coletadas, serão analisadas, discutidas e concluídas. Este novo conhecimento produzido, acrescido de sugestões e recomendações será divulgado para as trabalhadoras e para a empresa. Espera-se que de alguma forma essa pesquisa venha contribuir para a melhoria do ambiente de trabalho.

RISCOS E DESCONFORTOS: A pesquisa não trará risco nem prejuízo a nenhuma participante.

BENEFÍCIOS: Caso a empresa adote as sugestões e recomendações, todos os trabalhadores serão beneficiados do ponto de vista da saúde e da qualidade de vida no trabalho.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: A sua participação não implicará em gastos financeiros, pois você estará prestando as informações de forma voluntária e será no horário e ambiente de trabalho.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Seu nome será fictício, e as informações obtidas só serão aquelas que tiverem diretamente relacionadas com o objeto da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável:

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO

Eu, _____ declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informada pela pesquisadora – **Wéltima Teixeira Cunha** - dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

São Gonçalo dos Campos, / / 2009.

Nome por extenso

Assinatura

ARTIGO

A FOLHA VIRADA: QUANDO AS LER/DORT TIRAM O EMPREGO
DAS MÃOS DAS CHARUTEIRAS.Wéltima Cunha¹**Resumo**

Este estudo tem a finalidade de analisar as repercussões das LER/DORT na vida das charuteiras do município de São Gonçalo do Campos-BA, com base em suas próprias narrativas. Estas mulheres têm suas vidas pressionadas, pautadas e reguladas por uma dupla jornada: a do trabalho produtivo e a do trabalho doméstico/reprodutivo. Essa realidade traz um dado revelador: no Brasil, as LER/DORT representam as maiores causas de afastamentos entre os trabalhadores dos diversos ramos produtivos, pela previdência social, sendo que, de cada dez trabalhadores acometidos por essas afecções, oito são mulheres. Esse fato resulta da inserção da mulher em atividades que pouco requerem do seu intelecto e tudo exigem da delicadeza e destreza de suas mãos, em ambientes onde predominam a monotonia e a repetitividade. Conclui-se que o trabalho produtivo — estático, manual, repetitivo e monótono — e o doméstico/reprodutivo, com suas cargas somadas e potencializadas, são fatores determinantes do desencadeamento das LER/DORT nas charuteiras pesquisadas.

Palavras-chave: 1. Doença ocupacional; 2. Gênero e Saúde; 3. Risco; 4. Indústria do Tabaco; 5. LER/DORT

The scrolled leaf: When musculoskeletal disorders take the jobs away from the hands of female workers in the tobacco manufacture.

Abstract

This study aimed to analyze the repercussions of musculoskeletal disorders in the lives of female workers in a cigar manufacture in the municipality of São Gonçalo dos Campos, State of Bahia, Brazil, based on their own narratives. These women have their lives pressed, guided and governed by a double journey: that of the productive work and that of the domestic/reproductive work. This reality brings for a revealing data: in Brazil, the

¹ Pesquisadora do CESAT- Ba. Trabalho resumido da dissertação de mestrado em SAT-UFBA, 2010.

musculoskeletal disorders represent the biggest cause of workers' removal from job by the Social Welfare, in almost all productive branches. In this country, eight out of ten workers affected by musculoskeletal disorders are women. These women are inserted in activities that requires little from their intellect, but all delicacy and dexterity from their hands, in environments where monotony and repetitiveness prevail. This study concludes that productive work - static, manual, repetitive and monotonous - jointly with the domestic/reproductive work do interact in the determination of musculoskeletal disorders among female workers in the cigar manufacture.

Keywords: 1. Occupational disease; 2. Genre and Health; 3. Risk; 4. Tobacco Industry; 5. Repetition Strain Injury

Introdução

O homem primitivo, usando da força do trabalho braçal, intuitivamente, sentiu necessidade de tomar medidas de segurança e passou a usar animais para diminuir o esforço e evitar desgaste prematuro em seu organismo e acidentes fatais.

Bernadino Ramazzini, médico italiano, em 1700 tornou-se conhecido como o “Pai da Medicina do Trabalho” com sua obra “*De Morbis Artificum Diatriba*,” em que relata várias enfermidades ocupacionais relacionadas com cinquenta diferentes profissões, medidas de prevenção dos riscos inerentes às profissões e métodos e conceitos de segurança do trabalho (RAMAZZINI, 2000).

Ainda, de acordo com Cunha (2000) e Ribeiro (1996, 1999), Bernadino Ramazzini também referiu que o trabalho leve, em ofícios e até mesmo em profissões sedentárias causavam lesões osteomusculares. Destacou esta patologia no estudo das doenças dos mineiros, observando a brutalidade com que tratavam a máquina humana. Descreveu o sofrimento dos artesãos escriturários, apontando a leveza e a repetitividade do esforço, a sobrecarga estática das estruturas dos membros superiores e a aparente tensão exigida pela atenção em realizar tal ofício.

Observou, ainda, que instrumentos de trabalho mal construídos e a movimentação anormal das mãos ou movimentos violentos e irregulares, assim como posturas inadequadas ao executar o trabalho, constituíam numa incidência de sintomas, o que o levou a descrever

os efeitos do uso constante das mãos em escribas e notários. Este agravo iniciava com uma lassidão em toda a extensão do braço direito, progredindo para uma completa paralisia deste membro, o que causa danos ao organismo. Esse quadro tem semelhança com os escriturários da atualidade.

No que diz respeito aos carpinteiros, embaladores de fumo e de chá, e agricultores, em 1818 Velpeau observou uma inflamação na bainha tendínea causada por movimentos repetitivos, e então a denominou de tenossinovite traumática.

Já em 1891, Fritz De Quervain observou esta patologia nas costureiras. Nas Olimpíadas da Grécia, também foram observadas tensões e posturas inadequadas, devido aos movimentos bruscos e repetitivos; isso ocasionava muitas dores musculares. Também os escriturários, devido a um ritmo repetitivo nas suas escritas, tinham dores fortes nos braços, formigamentos, dificuldades de movimentos e com isso perdiam a força nas mãos. Descreveu também uma doença denominada entorse nas lavadeiras, por apresentar lesão dos tendões adutor longo e extensor curto do polegar em mulheres que lavavam roupas. Hoje essa doença é denominada de De Quervain, de acordo com os estudos (ROCHA & FERREIRA JUNIOR, 2000). Com a Revolução Industrial, que aconteceu na Inglaterra no século XVIII, surgiram, em 1775, as epidemias, devido à introdução de máquinas em substituição ao trabalho manufaturado e artesanal; à abundância de mão de obra composta por homens, crianças e mulheres despreparadas para a nova atividade; e às instalações das fábricas em galpões, estábulos e velhos armazéns (MIRANDA, 1998).

É destacado por Michel (2000) que durante a Revolução Industrial foram evidenciados quadros clínicos de enfermidades dos membros superiores, decorrentes de sobrecarga de trabalho estática e/ou dinâmica

Já na segunda metade do século XVIII, com a inovação tecnológica nas indústrias, as doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho tornaram-se visíveis através de dados estatísticos, passando a ser relevantes do ponto de vista social.

No final da década de 1950, no Japão, esses casos de distúrbios foram observados em perfuradores de cartões, operadores de caixas registradoras, datilógrafos e outros. Pois foi no Japão que a automação conduziu à racionalização do trabalho, agravando a situação de saúde dos trabalhadores, em decorrência da intensa sobrecarga de trabalho e da velocidade em que era desenvolvida a atividade por máquinas operadas manualmente, jornadas longas de

trabalho contínuo, aumento de tarefas por trabalhador que exigiam movimentos exagerados das estruturas dos membros superiores, esvaziamento do conteúdo do trabalho pela sua fragmentação, rigidez da chefia no controle da produtividade e redução do tempo de repouso e do tempo de lazer.

A partir dos anos de 1960, o quadro clínico das LER/DORT vem sofrendo mudanças, devido às transformações ocorridas no processo produtivo, com a implantação da organização científica do trabalho e, posteriormente, com a automação dos processos de produção levando a um aumento do ritmo de trabalho e a adaptação do homem ao ritmo da máquina, fazendo com que o trabalhador permanecesse em posto fixo de trabalho, executando, de forma simultânea, uma série de movimentos, sem, contudo, avaliar as consequências sobre o seu corpo e suas estruturas osteomusculares. E, por outro lado, a automação levou também à diminuição das tarefas que requeriam dos trabalhadores grandes esforços físicos e a diminuição à exposição de agentes físicos e químicos nocivos à saúde (ASSUNÇÃO, 1995).

Através do capitalismo, observamos a evolução histórica do trabalho, que nos mostra os interesses dos empregadores em obter a máxima produtividade às custas da exploração do trabalho humano com o surgimento do processo de terceirização, redução de mão de obra e mudanças na organização do trabalho, o que reflete nas perdas das conquistas sociais, com as reformas através das leis e da justiça .

As doenças do trabalho têm sido o foco das atenções de muitas empresas, e um grande desafio para os profissionais de saúde. Dentre essas doenças, destacam-se as LER/DORT; a prevalência deste distúrbio vem aumentando nos últimos vinte anos, representando, assim, a principal afecção à saúde entre as doenças ocupacionais, que acometem trabalhadores cada vez mais jovens (MELO, 2003)

As doenças ocupacionais são doenças que se originam do exercício da profissão por uma ação lenta e contínua comprovada pelos multifatores que resultam em nexos etiológicos (RANNEY, 2000; MINISTÈRIO DA SAÚDE, 2000; MENDES, 2003).

De acordo com Ferreira Junior (2000), as lesões osteomusculares relacionadas ao trabalho, isto é, de origem ocupacional, causadas pelo uso inadequado, excessivo e contínuo de determinada articulação — músculo e tendão — por rápidos movimentos repetitivos e de

força, comumente atingem os membros superiores, embora possam afetar todo o corpo do ser humano.

Para a realização donexo causal, é necessário ter como base de sustentação uma equipe multiprofissional e um diagnóstico clínico, psicológico e organizacional do trabalho. Porque essa compreensão está associada às condições do ambiente de trabalho, ao posto de trabalho, à organização e relação de trabalho e a fatores psicossociais envolvidos, segundo sugerem (ASSUNÇÃO & ALMEIDA, 2001).

Para Maciel (1995), a intervenção ergonômica busca analisar e entender a organização do trabalho, na perspectiva de encontrar proposições para a melhoria das condições de trabalho e, conseqüentemente, o conforto e o bem-estar do trabalhador. Neste sentido, a NR-17 estabelece parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, visando proporcionar um máximo de conforto e segurança (BRASIL, 2000).

Ranney (2000) e Couto (1991) consideram que a LER/DORT faz parte de um conjunto de patologias, de caráter inflamatório, que afetam os músculos, tendões e nervos, localizados principalmente nos dedos, punho, braços, ombros e região cervical; causadas por movimentos repetitivos, posturas estáticas, posturas inadequadas, jornada de trabalho prolongada e ritmo acelerado de trabalho. Essas patologias provocam dores (que passam a ser contínuas e vão aumentando conforme o seu grau), sensação de peso e fadiga, enrijecimento muscular, choque, câimbras, falta de firmeza nas mãos, sensação de fraqueza muscular, sensação e frio ou calor, limitação de movimentos edema e parestesia. Segundo estes autores, são sintomas que podem levar os trabalhadores à incapacidade física (mutilação) dos membros superiores (ombros, braços, antebraços, punhos, mãos e dedos), assim como dos membros inferiores (joelho e tornozelo), alterando assim a rotina diária do trabalhador e interferindo na sua qualidade de vida.

O surgimento de novas tecnologias na segunda metade do século XX obrigou o trabalhador a operar mais de uma máquina, intensificando o processo de trabalho com vistas à produtividade.

Estudos realizados por Carneiro, (2000) apontam que o crescimento das doenças osteomusculares no Brasil se deve à modificação no processo produtivo decorrente da modernização, fatores biomecânicos, como mobiliário inadequado, posturas incorretas ou

viciosas, força muscular, repetitividade, e fatores ligados à organização do trabalho, tais como: ritmo acelerado, a falta de autonomia, o tempo a cumprir, a fragmentação das tarefas, a cobrança de produtividade, a relação com a chefia, a falta de conteúdo das tarefas; rotatividade de mão de obra, relações autoritárias, intensificação do ritmo de trabalho, terceirização das tarefas de risco, trabalhador desqualificado para o desempenho da atividade; e falta de informações sobre as doenças.

Ainda no Brasil, apesar da subnotificação das doenças relacionadas ao trabalho, as LER/DORT vêm crescendo anualmente nas estatísticas oficiais e nos centro de referência em saúde do trabalhador, o que constitui a maior causa de afastamento dos trabalhadores, dos diversos ramos de atividade, por doença ocupacional, além de aumentar o número de desempregados.

Os processos de trabalho, em que ocorrem as LER/DORT, têm como características serem parcializados, rotinizados, fixarem o trabalhador em seu posto de trabalho durante toda a jornada e com ritmo acelerado.

O pensamento de Déjours (1993) sustenta que a fragmentação do processo produtivo resulta na fragmentação do trabalhador com uso parcial do intelecto, ou de seu corpo, quando utiliza apenas as mãos. Ou a fragmentação do trabalhador enquanto categoria coletiva, individualizando, separando os que planejam o trabalho, os que detêm as informações, os que executam o trabalho e aqueles que controlam os que executam.

Tendo como base estas afirmações, é possível relacionar certas atividades profissionais que exigem do trabalhador posturas, esforços físicos que possam levá-los ao adoecimento, e uma delas pode ser a prática de fazer charutos.

Toda atividade laborativa possui fatores ligados à natureza intrínseca do trabalho, tais como esforço físico, monotonia ou variação de trabalho destituído de significado, possibilidade de criação e autorrealização, status na empresa ou na sociedade e nível de remuneração (BOM SUCESSO, 1997).

Segundo Laurell & Noriega (1989), os impactos dos elementos existentes no ambiente e processo de trabalho, a exemplo de sua organização e divisão, devem ser estudados sob o ponto de vista da saúde do trabalhador, com o objetivo de entender melhor como esses elementos são capazes de consumir a força de trabalho ou desgastar a capacidade vital do trabalhador. Esses elementos, articulados, formam um conjunto de cargas de

trabalho às quais o trabalhador está exposto diariamente. Daí, para cada ramo produtivo e para cada processo de trabalho ser possível identificar cargas de trabalho e, conseqüentemente, o desgaste operário.

Considera-se carga de trabalho as exigências ou demandas psicobiológicas do processo produtivo que, ao longo do tempo, se manifestam na saúde do trabalhador. Para Facchini (1986), carga é um atributo de um determinado processo que, estando presente no ambiente de trabalho, expõe um grupo de trabalhadores à probabilidade de experimentar uma deterioração física e psicológica. No caso da mulher no mercado de trabalho, esta ainda tem a obrigação prioritária de realizar as tarefas domésticas numa dupla jornada de trabalho que a impede de expandir sua educação e profissionalização.

Historicamente, a Revolução Industrial significou a primeira tentativa organizada de absorver o numeroso contingente de mão de obra feminina, com salários mais baixos que os dos homens, sem, no entanto, contribuir para alterar o status familiar e social da mulher: ela permanecia fiando de 16 a 18 horas por dia, voltava da fábrica extenuada para servir ao marido, cuidar dos filhos e ainda realizar tarefas domésticas, comportando-se como sujeito passivo de uma realidade marcada pela submissão a diferentes “patrões”.

O capitalismo se apropriou de argumentos pseudocientíficos que defendiam a diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres, e criou, com a incorporação da força de trabalho feminina, mais uma “galinha dos ovos de ouro” (MARX, 1998: 578).

Foi somente em meados do século XX que a mulher teve sua inserção efetiva no mercado de trabalho. Essa conquista se deve a sua conscientização e organização política, através dos movimentos feministas e de outros movimentos sociais, às mudanças culturais, e também às necessidades econômicas do capitalismo, que, para fazer frente aos seus ciclos expansivos, absorveu a mão de obra feminina, ao tempo em que aumentou seu exército de reserva (MURARO, 1983; BESSA, 1994 ; MARX, 1998; HIRATA, 1999, 2002 a, 2002, b).

Essas lutas culminaram com o movimento feminista no século XIX, quando a mulher passou a conquistar direitos e espaços que iriam colocá-la em situação de igualdade frente ao homem, em determinados aspectos.

No momento atual, a mulher marca presença na maioria das atividades produtivas, devendo-se esse fato à expansão do capitalismo neoliberal, que, ao intensificar o uso de

tecnologias, automatizando os processos produtivos, naquilo que se chamou de terceira revolução, ampliou as vagas no setor terciário, absorvendo mais mão de obra feminina.

Vale ressaltar que a remuneração insuficiente do trabalho masculino para suprir os gastos de uma família obrigou a mulher a buscar uma atividade remunerada, para complementação da renda familiar, tendo vínculo empregatício ou não, e mesmo privando-se dos benefícios trabalhistas e previdenciários.

Ainda que o seu salário, em muitos casos, seja maior que o do homem, essa idéia de “complementação” ficou incorporada ao imaginário da mulher, concorrendo para ampliar o seu sentimento de “inferioridade”, fato este constatado por (BRUSCHINI, 1994; NOGUEIRA, 2004).

No Brasil, essa maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mesmo de forma diferenciada em relação ao homem, e em subempregos, foi também uma consequência do processo de privatização, que exacerbou o fenômeno da terceirização das atividades produtivas, reduzindo o salário do homem e interferindo no seu papel de único provedor da família (BARROSO, 1982).

Na realidade, e de um modo geral, as condições de trabalho não foram modificadas, ou mesmo pioraram, cabendo à mulher um salário sempre inferior ao do homem, para uma jornada equivalente no mesmo posto, ou seja, 29% menor, segundo Lavinias (2008), acrescida de uma segunda jornada, em casa, em que não se considera nas estatísticas, manipuladas pelo sistema capitalista, este tempo gasto por elas nas tarefas domésticas, no cuidado com filhos ou parentes idosos e enfermos.

Observa-se que persiste a desvalorização, discriminação e preconceito quanto ao trabalho feminino, e, apesar de todas as evidências de qualificação da mulher, ela ainda é classificada no mercado de trabalho e pela sociedade como mão de obra barata (SANCHES & GEBRIM, 2003).

Mesmo sendo exploradas, as mulheres sempre estiveram presentes no mercado de trabalho. Sua participação tornou-se efetiva com a revolução sexual nos Estados Unidos, fazendo com que, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, aumentasse a presença dessa força de trabalho nos setores produtivos, como afirma (O'NEILL, 2001).

A participação das mulheres na força de trabalho tende a aumentar, devido, por um lado, ao progresso tecnológico que as liberou parcialmente da permanência no lar (sem,

contudo, afastá-las das atividades domésticas, principalmente nas camadas populares), e, por outro, pelo seu maior acesso à educação e à capacitação profissional. Ademais, vale considerar o avanço da economia, expandindo o setor terciário ou de serviços, em que as mulheres têm mais oportunidades e atuam em maior intensidade. (IIDA, 2005).

No Brasil, representam, atualmente, 41% da força de trabalho. Deste contingente, aproximadamente 40% assumem atividades precarizadas e desvalorizadas (SUAREZ, 2009).

Segundo dados do PNAD (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio) de 2005, 90,6% das mulheres que trabalham fora ainda assumem as tarefas domésticas, consumindo 25,2 horas semanais, enquanto os homens dedicam a essas tarefas apenas 9,8 horas. Portanto, as mulheres têm suas vidas pressionadas, pautadas e reguladas por uma dupla jornada: a do trabalho produtivo e a do trabalho doméstico/reprodutivo (NOGUEIRA, 2006). Diante disso, é importante colocar no centro do debate as questões de gênero em sua dimensão econômica e social (CARVALHO, 2006; ANTUNES, 2007)

Mesmo sob condições adversas de salário em relação ao homem, e de trabalhos precários, o afastamento do mundo doméstico para atuar no ambiente de trabalho representa, para as mulheres, o rompimento com a cultura patriarcal, a possibilidade de instruir-se, de tornar-se mais independente e abrir novos horizontes em sua vida (LÊNIN *apud* CARVALHAL, 2002)

O quadro inicial da empresa de charutos contava com mulheres e homens na produção, porém a divisão sexual do trabalho não partiu, a princípio, da empresa, mas do conflito existente entre os homens ao realizarem as atividades.

O motivo que levou a empresa a não contratar homens na produção dos charutos foi revelado por algumas charuteiras: eles se recusavam a produzir a quantidade/dia estabelecida pela empresa, enquanto elas demonstravam mais interesse, submissão e habilidade na confecção.

Acredita-se que os homens, devido à cultura e à criação, historicamente, não se adaptaram a esse tipo de atividade, que exige delicadeza das mãos ao contato com as folhas do fumo. Por outro lado, as mulheres criadas nesse mesmo contexto, em que a divisão do trabalho perpassa a questão de gênero, acabam aceitando e acreditando que o homem não tem paciência e não possui mãos delicadas para desenvolver certas atividades, como a produção de charutos. É como enrolar tecidos com os dedos.

Vale ressaltar que, na produção de charutos, não há necessidade de qualificação de mão de obra, o que se reflete na política de recursos humanos no interior da fábrica, que resulta em desfavorecer as mulheres. Nesse sentido, não se especializaram, continuaram como trabalhadoras manuais, não progrediram em nível salarial ou mudança de cargos.

Nesse sentido, a empresa, aproveitando dessas contradições, agiu de forma estratégica contratando apenas as mulheres e excluindo totalmente os homens, tornando evidente que, se a lógica é atender metas, a questão de gênero está presente nessa realidade da fabricação de charutos.

Como um reflexo de todas essas contradições, cito o trabalho das charuteiras de São Gonçalo dos Campos-BA, com suas narrativas e seus múltiplos papéis sociais: mãe, companheira e trabalhadora do lar e da fábrica. Há, também, as que têm vínculo empregatício e sem companheiro, e ainda realizam trabalho adicional, como costura, bordado, manicure etc.

Em geral, para as charuteiras, o espaço doméstico assume dupla significação: deixa de ser apenas local de descanso e convívio, e passa a ser também local de trabalho, que, na maioria das vezes, não é respeitado pela clientela, que chega a interferir na rotina familiar, em horários de refeições, lazer e descanso.

Assim, a execução de charutos pela charuteira artesanal equivale, na prática, a transformar o ambiente doméstico em ambiente de trabalho, exigindo, como em qualquer unidade de produção, organização do espaço, nos aspectos físicos ou sociais e familiares.

Segundo declarações de algumas charuteiras, no passado, a produção de charutos servia apenas como complementação da renda familiar, passando, ao longo do tempo, e em muitos casos, a ser a principal fonte de renda.

Tal condição, da mulher como provedora ou coprovedora, não significa uma inversão de poder na unidade doméstica, mas lhe assegura um espaço de negociação com o companheiro, o que pode conduzir a uma maior flexibilização nas atribuições de cada um no cumprimento das tarefas de casa (CARNEIRO & PEREIRA, 2009).

Essa realidade traz um dado revelador: no Brasil, as LER/DORT representam as maiores causas de afastamentos entre os trabalhadores dos diversos ramos produtivos. Em 2004, foram registradas 30.194 doenças ocupacionais na Previdência Social; em 2005, 33.096; e em 2006, 26.645. Estima-se que 45% desses afastamentos foram por LER/DORT,

sendo que, de cada dez trabalhadores acometidos por essas afecções, oito são mulheres (BRASIL, 2007; CARNEIRO, 1998). Esse fato, ainda segundo Carneiro, resulta da inserção da mulher em atividades que exigem muito da dedicação e destreza de suas mãos, em ambientes onde predominam a monotonia e a repetitividade.

Material e Método

Este estudo apresenta o seguinte desenho metodológico:

Adota como base científica a abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2000, 2001), no momento atual, este tipo de investigação ocupa uma reconhecida posição para estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos em diversos contextos. Especificamente, aborda a experiência do sujeito sobre uma problemática de saúde.

A abordagem qualitativa não está preocupada com a demonstração quantitativa do ponto de vista da estatística inferencial das variáveis pesquisadas, mas, sim, com a qualidade da informação a partir do discurso de cada sujeito pesquisado. Cada relato é importante para o pesquisador e o seu envolvimento é fundamental em todas as etapas do estudo (MINAYO, 2000, 2001; GIL, 1994; GODOY, 1995)

Para o rigor científico, a pesquisa qualitativa deve estar subsidiada nas disciplinas das ciências sociais e deverá ser realizada dentro de uma composição analítica. A pesquisa qualitativa leva em consideração o indivíduo inserido em um determinado contexto, não impõe e nem controla a forma e a estrutura do resultado final. Compreende, pois, a experiência humana (TRIVIÑOS, 1997, 2001).

A pesquisa qualitativa se apoia em correntes de pensamento, no campo teórico, social e filosófico, para uma compreensão mínima de uma dada questão atribuída pelo sujeito. Então, a fala, o conteúdo do discurso social, é o instrumento fundamental para aprofundar um objeto estudado. Dentre as diversas correntes de pensamento, este estudo traz autores da fenomenologia (Minayo, 2000; Freitas, 2003) e da análise de discurso (Bardin, 2008) para dar conta do aprofundamento que desejo dar a este trabalho de pesquisa.

Ambas as linhas teórico-filosóficas apresentam a acepção, os significados, as aspirações, as crenças, as atitudes, os valores, aspectos estes não quantificáveis do sujeito sobre um fenômeno, traduzindo, assim, a intersubjetividade, a percepção do sujeito sobre o modo de viver e de adoecer (CHIZZOTTI, 2000; FREITAS, 2002; MINAYO, 2000; COULON, 1995).

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de setembro e outubro, com entrevistas narrativas envolvendo trabalhadoras de uma fábrica de charutos situada no município de São Gonçalo dos Campos, Bahia, e com charuteiras artesanais. Colaboraram com as entrevistas 02 trabalhadoras afastadas pela Previdência Social, 09 trabalhadoras em atividade, 03 ex-funcionárias e 06 charuteiras artesanais— num total de 20, tendo como um dos critérios a permanência na fábrica há mais de cinco anos.

Para Minayo, (2000), o número de entrevistas varia conforme o nível de saturação das informações e, nesse sentido, o total de vinte entrevistas foi suficiente para obter as informações pertinentes à pesquisa.

O critério para o tempo mínimo na atividade de trabalho se deve ao tempo de exposição ao risco (sobrecarga das estruturas anatômicas) e o surgimento da doença, devido à sobrecarga osteomuscular e pelo fato destas afecções terem múltiplos determinantes. (GUERIN, 2001; MINISTERIO DA SAUDE, 2000)

Instrumentos de coleta de informações

Para atender a um dos itens da pesquisa qualitativa, a técnica utilizada para a coleta de informações será: 1) A entrevista narrativa citada por Jovchelovitch & Bauer (2002); Barthes (1991). Para esta atividade foi realizado um roteiro de questões que foram abordadas. Esse roteiro tem a finalidade, segundo Minayo (2000), de orientar o pesquisador e não influenciar de forma negativa ou positiva as respostas do sujeito. 2) A observação das etapas do trabalho, com possível contagem dos movimentos repetitivos.

O pesquisador/entrevistador interagiu e teve certo envolvimento com o sujeito/entrevistado, condição importante para o aprofundamento de uma relação intersubjetiva, fazendo com que elas se sentissem estimuladas a participar.

Também se utilizou de um roteiro de entrevista que foi aplicado com o representante da empresa, neste conteúdo informações sobre a fábrica, a organização do trabalho e sobre as trabalhadoras.

Aspectos Éticos

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, para ser avaliado.

Após esta avaliação, a pesquisa foi iniciada com os sujeitos que atenderam os critérios estabelecidos na metodologia para composição da amostra; em seguida, foi lido, para cada

participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A elaboração desse documento teve como base a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Após o aceite das charuteiras em participar da pesquisa, elas assinaram o termo em duas vias: uma ficou com as trabalhadoras e a outra com a pesquisadora. Neste termo, constaram o telefone de contato do pesquisador e informações sobre a pesquisa, de forma clara e de fácil compreensão. Para algumas participantes, o termo foi lido pela pesquisadora, porém assinado por elas.

O estudo foi realizado em quatro momentos distintos, em uma fábrica situada no município de São Gonçalo dos Campos, no estado da Bahia, com trabalhadoras que produzem charutos e com trabalhadoras artesanais.

No contato inicial com um dos responsáveis pela empresa, foi realizada uma entrevista de acordo com o roteiro de perguntas. Obteve-se, então, dados sobre a empresa e as atividades dos (as) trabalhadores (as), envolvendo a organização e as relações de trabalho, tamanho da área física da fábrica, número de trabalhadores, vínculo empregatício, jornada de trabalho, produtividade, prêmio assiduidade e de produção, quantidade produzida/dia/mês, descrição do processo produtivo, equipamento de proteção individual (EPI), assistência médica, dentre outros. Em seguida, o representante da empresa indicou as trabalhadoras que tinham mais de cinco anos de vínculo empregatício nesta atividade, ou seja, que estavam dentro dos critérios determinados para a seleção. A partir daí, as trabalhadoras, voluntariamente, deram início à colaboração com este estudo: as entrevistas.

Naquele momento, foi-lhes dito sobre o objetivo da pesquisa, e cada trabalhadora leu o termo de consentimento e, só depois, o assinou, para que se desse início à entrevista contida no roteiro de perguntas. Em primeiro lugar, foram coletadas informações sociodemográficas — idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, salário líquido. Em seguida, elas narraram sobre a organização e o processo de trabalho — jornada, ritmo, uso de equipamentos, pausa, postura; atividade física e lazer; questões de saúde e qualidade de vida; se gostam do que fazem, tarefas domésticas, dificuldades para realizar as tarefas e se o trabalho pode prejudicar a saúde, dentre outras.

Os sujeitos, voluntários deste estudo, que trabalham na fábrica, foram entrevistados, sem, contudo, abandonar completamente seu posto de trabalho. Com a permissão prévia do responsável pela empresa, estabeleceram-se quantos sujeitos seriam entrevistados por turno,

em respeito ao intervalo (pausa) e o horário de saída. Os outros sujeitos foram entrevistados nas próprias residências e na feira livre.

As entrevistas foram realizadas com a utilização do gravador, diário de campo para anotar as observações, termos e sentenças mais significantes, bem como foram fotografadas posturas das trabalhadoras durante a atividade de fabricação dos charutos. Um terceiro momento foi dedicado à observação das etapas do processo de produção dos charutos, com as respectivas anotações, no diário de campo, sobre a maneira com que as trabalhadoras fazem uso dos membros superiores, destacando a parte do braço, a postura, o tempo, a repetitividade das atividades.

Vale ressaltar que as próprias charuteiras, participantes da entrevistas, escolheram seus nomes fictícios.

Em seguida, realizou-se a transcrição, a análise e interpretação dos conteúdos das falas, segundo orientação de (BARDIN, 2008).

Para esta autora, o objetivo da análise de conteúdo é trabalhar as falas e suas significações/conteúdos, manifestados por cada indivíduo, buscado outras realidades através das mensagens. Nesse sentido, a análise de conteúdo acontece de acordo com três fases, tais como: a pré-análise, também denominada leitura flutuante, que significa o primeiro contato com o material a ser analisado. É a tomada de conhecimento do texto e a impressão que este causa ao pesquisador. No que se refere à exploração do material, esta fase consiste em codificar os dados brutos, transformando-os por enumeração ou agregação, para permitir uma descrição exata dos conteúdos ou falas.

Já na terceira fase, o resultado bruto é submetido a tratamento, para que se torne resultado significativo e válido, e daí, busque-se a inferência e a interpretação (BARDIN, 2008).

Processo de trabalho das charuteiras e as LER/DORT

A organização do trabalho, segundo Maciel (1998), é, em geral, um fator de risco potencial para o desenvolvimento das doenças osteomusculares, quando predominam tarefas manuais e que exigem precisão de movimentos em curtos períodos de tempo, bem como repetitividade e intensificação do ritmo imposto por padrões de produtividade e, sobretudo,

quando não há diversificação de tarefas, com os trabalhadores sendo mantidos nas mesmas atividades ao longo dos anos.

Ainda, na visão de Barreira (1994), os fatores psicossociais, como o estresse e conflitos com chefia e colegas, e os fatores administrativos ou organizacionais, a exemplo da intensificação do trabalho e padronização de procedimentos (impossibilitando o exercício do poder criativo), esses fatores, portanto, operando em conjunto, concorrem também para o adoecimento dos trabalhadores.

No caso específico das charuteiras, os riscos observados durante a visita à fábrica, em particular, os riscos ergonômicos, enfatizados nas análises de conteúdo das narrativas das trabalhadoras, podem ser verificados durante o processo de produção dos charutos.

Constata-se a exigência de atenção, concentração e submissão ao monitoramento sobre as trabalhadoras, numa atividade altamente repetitiva em termos de gestos e movimentos, mas que exige rigor em todas as suas etapas, desde o cumprimento de metas de produção de charutos por quantidade e por unidade de tempo até a qualidade final do produto.

Quanto às posturas desfavoráveis no posto de trabalho, verifica-se que o posicionamento dos membros superiores das charuteiras, na execução das tarefas relacionadas abaixo, solicita das mãos e cotovelos, de modo constante, extensão e flexão, pronação (dedos envolvendo e pressionando o objeto com o dorso da mão voltado para baixo) e supinação (a mesma situação, com o dorso da mão voltado para cima): 1) Durante o corte do tirulo, com o uso da guilhotina, e durante o corte das folhas, com o uso de meia-lua de metal e faca circular. 2) Ao manipular as folhas na máquina manual. 3) Na prensagem dos charutos, com o uso do *macaco* de automóvel.

Observou-se que, durante a produção do tirulo e finalização do charuto, ocorre flexão do ombro, com torção ou inclinação lateral da cabeça.

No que se refere às posturas durante a atividade, é visível que o mobiliário, especificamente, mesa, banco e cadeira, contribui para o desconforto, comprometendo a estrutura corporal das trabalhadoras.

No tocante ao número de ciclo de trabalho efetuado por jornada e tempo de ciclo com a mesma seqüência de gestos, constata-se que a produção de charutos, além de repetitiva, é uma atividade que implica monotonia psicológica e fisiológica, pois o ciclo se repete a cada

minuto, durante uma jornada de 9 horas por dia, perfazendo uma média de um tirlulo por minuto.

Isso, de forma alguma, estabelece equivalência em relação ao número de charutos produzidos por dia, uma vez que deve ser considerado, e computado, o tempo gasto nas etapas subsequentes.

Observa-se que há uma sobrecarga excessiva na musculatura esquelética dos membros superiores, quando da manipulação de ferramentas e quando as charuteiras se esforçam além de seu limite físico, para cumprir metas de produção, submetendo-se a essa situação por receio de ser advertida, por medo do desemprego e, uma vez diante dessa fatalidade, ter de enfrentar o duro desafio de reingressar no mercado trabalho.

Por último, mas não menos importante, um fator a ser destacado é o comportamento dirigido para atender metas de produção: aumento da pressão psicológica e física determinando a elevação da cadência, do controle excessivo em relação ao tempo e ao padrão de produtividade (meta diária de 400 charutos) e a inexistência das pausas durante a atividade.

Todos esses riscos são desencadeadores de sintomas — concomitantes ou não — de dor, fadiga, formigamento ou parestesia, edema, perda de sensibilidade ou dormência, perda de força da musculatura esquelética e das seguintes afecções dos membros superiores: tendinite, tenossinovite, sinovite e síndrome do túnel do carpo.

As trabalhadoras, acometidas por essas afecções, são geralmente desamparadas pela empresa, poderiam buscar o afastamento das atividades pela previdência social; no entanto, reconhecendo sua situação de fragilidade no mercado de trabalho, são obrigadas a tomar algumas atitudes prejudiciais à própria saúde e situação funcional, tais como a automassagem com pomadas no ambiente de trabalho; a prática da automedicação; o trabalho com munhequeira (uma faixa com tala); o trabalho sob sofrimento silencioso, que se manifesta durante toda a jornada, com reflexo nas noites e fins de semana; e o absenteísmo.

Fica evidente que fazer charutos é uma atividade estática, que exige das trabalhadoras que se mantenham em postura sentada, movendo apenas mãos, punhos e braços.

Caso não sejam modificadas todas essas condições adversas no ambiente de trabalho, quer organizacionais e/ou psicossociais, do ponto de vista da análise ergonômica, aumentarão

as chances de piorar progressivamente o quadro clínico das charuteiras, comprometendo sua capacidade laboral e outros aspectos de sua vida cotidiana.

As charuteiras artesanais, por sua vez, exercem seu ofício no ambiente doméstico, e, mesmo não sofrendo as pressões organizacionais e psicossociais impostas pela empresa, enfrentam condições precárias quanto ao mobiliário e às ferramentas (estas, desgastadas e obsoletas), em que têm que improvisar mesas, cadeiras, bancos, prensas e facas. Apesar dessas condições, elas produzem um número equivalente ou superior de charutos/dia, expondo-se igualmente aos riscos de apresentar os sintomas e contrair as afecções das LER/DORT.

Os problemas das LER/DORT na vida cotidiana das charuteiras vão além das alterações clínicas. Segundo as narrativas das trabalhadoras, a dor e outros sintomas as impedem de realizar tarefas domésticas, a exemplo de lavar, passar, cozinhar e varrer a casa; e de manter os cuidados habituais com a sua higiene pessoal: tomar banho, escovar os dentes, lavar e pentear os cabelos, dificuldade para dormir, problemas psicológicos, frustração, medo do futuro, ansiedade, irritação, raiva de seu estado de incapacidade e sentimento de culpa por estar doente.

Essas situações dolorosas, que limitam a ação dos membros superiores, interferem no relacionamento afetivo com o companheiro, contribuindo para desgastar o convívio do casal e da própria vida familiar.

Frustrada pela impossibilidade física de não poder realizar tarefas domésticas, a trabalhadora, antes, sempre ativa e independente, passa pelo constrangimento de ser cuidada, até mesmo na sua higiene pessoal, por outros membros da família.

Como sua dor não é tangível, conforme enunciados dessas trabalhadoras, quando tentam desabafar, elas esbarram na descrença, na indiferença, na ironia ou na chacota (sendo apelidadas ou tratadas de vovó e preguiçosas). Isto aumenta seu sentimento de impotência e sua sensação de desamparo psicológico.

Com o afastamento do trabalho em idade produtiva, a charuteira experimenta uma queda em seu valor social causada por um sentimento de inferioridade e de frustração pessoal, por constrangimentos em ser alvo de recriminações ostensivas ou veladas no seu cotidiano.

Para agravar ainda mais o quadro, o Sistema Único de Saúde limita o número de sessões mensais de fisioterapia, reduzindo as expectativas de retorno ao trabalho e comprometendo suas esperanças de retomada da normalidade da vida.

Quando a incapacitação é temporária, a trabalhadora volta à atividade profissional, e a empresa é obrigada a cumprir 12 meses de estabilidade (OLIVEIRA, 2002). Mas, em geral, demite-a automaticamente, e com isto ela sofre mais um duro golpe nas suas perspectivas de vida. Esta situação se repete, em caráter sumário, no caso da trabalhadora cuja patologia não é considerada doença ocupacional, pela previdência social.

Conclusão

De acordo com as falas das trabalhadoras ativas da fábrica, das ex-trabalhadoras da fábrica, demitidas ou afastadas por problemas de saúde, e das trabalhadoras artesãs, a atividade é prazerosa e traz felicidade, apesar de necessitar e exigir uma carga de trabalho da musculatura esquelética.

A produção exigida por dia é para cumprir meta, quando se refere às trabalhadoras da fábrica; porém, produção das artesãs, em número equivalente, se dá pelo fato de os charutos terem valor de mercado muito baixo.

Portanto, a quantidade de charutos produzida por dia e por qualquer charuteira, seja ela artesã ou não, desencadeia sintomas na musculatura esquelética, que, em algumas dessas trabalhadoras, já foi diagnosticado como LER/DORT, por órgãos estaduais de referência em saúde do trabalhador. No entanto, a maioria delas, talvez por medo de serem demitidas, não procura o médico, ou se automedica.

Constata-se também, nas falas, que grande parte das charuteiras tem a compreensão de que a atividade de fazer charutos causa doenças ou sintomas como dor nos membros superiores e na coluna vertebral, devido às ferramentas de trabalho e à carga horária.

Nesse contexto, ficou evidente que todas as charuteiras estão expostas aos riscos de adquirir as doenças osteomusculares nos membros superiores, sejam elas trabalhadoras da fábrica ou trabalhadoras artesanais.

No que se refere à empresa, há um distanciamento entre o produzir e a saúde dos trabalhadores. Elas são vistas como máquinas e “operam” até o próprio desgaste; daí são substituídas por outras, sem que, contudo, sejam mudadas as condições de trabalho. Fica

evidente a falta de responsabilidade e compromisso que a empresa vem tendo para reconhecer a doença como uma patologia ocupacional, apesar de tratamento digno que oferece às trabalhadoras no ambiente de trabalho.

No tocante às charuteiras portadoras das LER/DORT, elas necessitam, além da solidariedade social, o amparo legal mais amplo, sob a forma de leis trabalhistas e previdenciárias revisadas e atualizadas, para que o dano causado em suas mãos, por longa e árdua história laboral, possa ser compensado com políticas públicas, sobretudo de prevenção, que lhes assegurem dignidade.

Referências Bibliográficas

- ASSUNÇÃO, A.A. *Sistema músculo-esquelético: lesões por esforços repetitivos (LER)*. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. São Paulo, Atheneu, 2003.
- ASSUNÇÃO, A. A; ALMEIDA, I.M. de. Doenças osteomusculares relacionadas com o trabalho: membro superior e pescoço. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. São Paulo, Atheneu, 2003.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BARREIRA T.H.C. *Abordagem ergonômica da LER*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. v 22, n 84, p. 51-60, 1994.
- BARROSO, C. (1982). *Mulher, sociedade e estado no Brasil*. São Paulo: UNICEF/Brasiliense, 1982.
- BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, 1991
- BESSA, K.A.M. (ORG). *Trajetórias do gênero, masculinidades*. Cadernos PAGU. Núcleo de Estudos de Gênero. UNICAMP. Campinas, São Paulo. 1998.
- BOM SUCESSO, E.de.P. *Trabalho e qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Protocolo de Investigação, Diagnóstico e Prevenção das LER/DORT*. Brasília: Ministério da Saúde 2000.
- BRASIL, Ministério da Previdência Social. *Anuário Estatístico de Acidente de Trabalho*, 2007. Disponível em <www.previdenciasocial.gov.br/docs> Acessado em outubro de 2009.
- BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. *Normas regulamentadoras de medicina e segurança do trabalho*. 48 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- BRUSCHINI, C. *O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes*. In: Saffioti, HIB & Muñhoz-Vargas M. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/NIPAS; Brasília, D.F.:UNICEF, 1994.
- CARNEIRO, C.M. Perfil social da LER. In: OLIVEIRA, C.R. de et al. *Manual prático de LER*. 2. ed. Belo Horizonte: Health, 1998.
- CARNEIRO, M.J. & PEREIRA, J.L.G. *Confecção doméstica em área rural: relações de gênero em questão*. *TERRA E CULTURA*, ANO XIX, Nº 37 93 em 06 de março de 2002.

Disponível na internet <http://www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano/textos>. Consultado em outubro, 2009.

CARVALHAL, T.B. *A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero*. Revista Pegada, Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, v. 3 n. 1 Presidente Prudente, 2002.

CARVALHO, M.E.P. de. *Consciência de gênero na escola: problematizando a pedagogia crítica na formação docente*. in: PAULO F. *Na história da educação do tempo presente*, org. AFONSO CS. Porto, Portugal: afrontamento, 2006

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.

COULON, A. *A escola de chicago*. Campinas: Papiro, 1995.

COUTO, H.A. *Tenossinovites e outras lesões por traumas cumulativos nos membros superiores de origem ocupacional*. Belo Horizonte: Ergo, 1991.

CUNHA, W.T. *Os docentes do ensino superior e as doenças ocupacionais*. Bragança Paulista-SP, Dissertação. Universidade São Francisco, 2000.

DEJOURS, C. *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 1993.

FACCHINI, L.A. *Proceso de trabajo, cambio tecnológico y desgaste obrero*. México: UAM – Xochimilco, Maestria em Medicina Social, tese, 1996.

FERREIRA JUNIOR, M. *Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde do trabalhador*. São Paulo: Roca, 2000.

FREITAS, M.C.S. *Uma abordagem fenomenologica da fome*. *Rev. Nutrcão*, Campinas, v. 15, n 1, jan./abr., p. 53-69, 2002.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas da pesquisa qualitativa*. São Paulo: Atlas, 1994.

GODOY, A.S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, mar/abr, 1995. p. 57-63.

GUÉRIN, F. *Compreendendo o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgard Blucher, Fundação Vanzolini, 2001.

HIRATA, H. *Globalização e divisão sexual do trabalho*. *Cadernos Pagu* (17/18). Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp. São Paulo, 2002.

_____. *Nova divisão sexual do trabalho?* Boitempo Editorial. São Paulo, 2002.

_____. *Flexibilidade, trabalho e gênero*. Santiago. (Mimeo), 1999.

IIDA, I. *Ergonomia projeto e produção*. 2 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

- JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M.W. *Entrevista narrativa*. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAURELL, A.C; NORIEGA, M. *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- LAVINAS, L *et al.* *Trabalho a domicílio: novas formas de contratação*. Disponível na internet <http://www.ilo.org> e consultado em setembro de 2008.
- MACIEL, R.H. Ergonomia e lesão por esforço repetitivo. In: CODO, W; coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petropolis: Vozes, 1999.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro I, vol. 1/ Marx K; tradução de SANT'ANNA, R. – 17^o ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.*
- MELO, C.D. *Doenças ocupacionais com ênfase a ler/dort*. Florianópolis-SC. Monografia (Programa de Gestão Universitária) -Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
- MENDES, R. *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.
- MICHEL, O. *Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais*. São Paulo: LTr, 2000.
- MURARO, R.M. *Sexualidade da mulher brasileira*. Corpo e Classe social no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIRANDA, C.R. *Introdução a saúde no trabalho* Janeiro: Atheneu,. São Paulo: Atheneu, 1998.
- NOGUEIRA, C.M. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. *Revista Boitempo*. São Paulo, 2004.
- _____. *O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução – um estudo das trabalhadoras do telemarketing*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- OLIVEIRA, S.G. *Proteção jurídica à saúde do trabalhador*. São Paulo: LTr, 2002.
- O'NEILL M.J. *Ler/dort o desafio de vencer*. São Paulo: *Jornal A Folha de São Paulo*, 2001.
- RAMAZZINI, B. *As doenças do trabalhadores*. 2.ed. São Paulo: Fundacentro, 2000.
- RANNEY, D. *Doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho*. São Paulo: Roca, 2000.

RIBEIRO, H.P. *A violência do trabalho no capitalismo. As lesões dos membros superiores por esforços repetitivos (ler) suas dimensões sociais do trabalho e individual e a construção do movimento dos bancários sobre a questão*. São Paulo, Dissertação (Faculdade de Saúde e Pública) – Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *A violência Oculta do Trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROCHA, L.E; FERREIRA JUNIOR, M. Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. In: Ferreira Junior, M. *Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores*. São Paulo, Roca, 2000

SANCHES, S; GEBRIM, V.L.M. *O trabalho da mulher e as negociações coletivas*. USP - *Estudos Avançados*, nº 49, Dez. 2003.

SUAREZ, M. *Conceito de gênero – desafios para as políticas públicas*. Disponível na internet http://www.emprego.sp.gov.br/genero_painel1.html, consultado em dezembro 2009.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à Pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, 1997.

_____. Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais. *Caderno de Pesquisa Ritter dos Reis*, v. 4, novembro, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)